

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS VII-CODÓ  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-LCH/HISTÓRIA

JOSÉ FRANCISCO VIANA DO CARMO

**ICONOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Uma análise de imagens da Era Vargas em Livros Didáticos do ensino médio  
utilizados na escola Centro de ensino Colares Moreira em Codó/Ma

Orientador

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso

CODÓ-MA.

2020

JOSÉ FRANCISCO VIANA DO CARMO

## **ICONOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Uma análise de imagens da era Vargas em Livros Didáticos do ensino médio utilizados na escola Centro de ensino Colares Moreira em Codó/Ma

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão Campus VII-Codó, para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas/História.

Orientador  
Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso

CODÓ-MA.

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

FRANCISCO VIANA DO CARMO, JOSÉ.

ICONOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA : Uma análise de imagens da Era Vargas em Livros Didáticos do ensino médio utilizados na escola Centro de ensino Colares Moreira em Codó/Ma / JOSÉ FRANCISCO VIANA DO CARMO. - 2020.

65 p.

Orientador(a): Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2020.

1. Ensino. 2. Era Vargas. 3. História. 4. Iconografias. I. Alexandre Isidio Cardoso, Antonio. II. Título.

JOSÉ FRANCISCO VIANA DO CARMO

## **ICONOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Uma análise de imagens da Era Vargas em Livros Didáticos do ensino médio utilizados na escola Centro de ensino Colares Moreira em Codó/Ma

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão Campus VII-Codó, para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador  
Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso

Codó-MA, 18/12 /2020.

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

(Presidente)

---

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu pai José Domingos e minha mãe Maria de Fátima. Á meus irmãos que são: Edna, Célia, Edilson, Joice e Domingos Filho. Dedico a todos da turma 2015.2. Aos amigos e colegas, que me incentivaram e ofereceram apoio nos momentos difíceis. A todos meus professores da UFMA. Ao professor Dr. Antônio Alexandre, meu orientador que me auxiliou na germinação das ideias e durante todo o processo de desenvolvimento deste presente trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem Ele eu não teria forças para essa longa jornada. Ele que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, não somente universitária, mas em todos os momentos. À minha mãe Maria de Fátima e meu pai José Domingos que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Às minhas irmãs Edna, Célia e Joice, e meus irmãos Edilson e Domingos Filho. Agradeço também ao meu amigo professor Alan Neves Feitosa, pelo incentivo à realização deste trabalho, ao professor Vicente Cruz.

Agradeço ao professor Dr. Antônio Alexandre pelo apoio e orientações para pesquisar sobre a temática deste trabalho, bem como para sua elaboração. Sou grato a todos os professores da UFMA por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. Meus agradecimentos aos membros da banca, professores drs. José Carlos Aragão e Jakson dos Santos Ribeiro que aceitaram fazer parte dessa conquista.

Às professoras Josy, Iara e Claudiane por terem colaborado nos meus estágios. À equipe administrativa, à equipe da limpeza e todos que fazem parte da UFMA.

Meus agradecimentos a turma 2015.2 pela companhia incansável durante todos esses anos. Foram muitas amizades feitas. Enfim, agradeço a todos que contribuíram direto ou indiretamente nessa minha trajetória árdua de graduação, o meu muito obrigado.

“A arte é visão ou intuição. O artista produz uma imagem ou um fantasma: e quem aprecia a arte volta o olhar para o ponto que o artista lhe indicou, observa pela fenda que este lhe abriu e reproduz dentro de si aquela imagem.”

Benedetto Croce

## RESUMO

As imagens adquiriram grande importância no contexto da pesquisa historiográfica enquanto fontes, relevância que se estendeu para o campo educacional como recurso pedagógico estratégico no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo deste trabalho é discutir representações sobre a Era Vargas através de imagens de livro didático num contexto pedagógico específico, sem perder de vista sua dimensão teórica e conceitual mais ampla. Desta forma, o presente estudo tem por base as seguintes questões: Como as imagens sobre a Era Vargas presentes no livro didático de História do 3º ano do Ensino Médio da Escola Colares Moreira (Codó – MA) retratam o período em questão? Quais as análises pertinentes encontradas no livro didático? Como o professor(a) utiliza metodologicamente as imagens para abordagem da Era Vargas na escola? Em que sentido as imagens podem contribuir para a compreensão histórica dos estudantes? Metodologicamente a pesquisa dialogou com Litz (2009); Burke (2010); Olim (2010); Silva (2010); Sampaio (2013); Ginity (2015); Gomes (2016); Amorim e Silva (2016); entre outros. Também foi realizado trabalho de campo, com a aplicação de questionário para os educandos do 3º ano do ensino médio. Os resultados apontaram a importância das iconografias no entendimento dos educandos, que asseveraram uma melhor aprendizagem com a exploração analítica das imagens, enxergando-as como documento, mais que simples ilustrações do livro.

**Palavras-Chave:** Iconografias; Ensino; História; Era Vargas.



## ABSTRACT

The images reached a highlighted position in the historiographical field as sources, whose relevance also have covered the educational area as a strategic pedagogical resource in the teaching-learning process. The aim of this work is to discuss representations about the images of Vargas Era in a specific pedagogical scenario, without neglecting its broader theoretical and conceptual dimension. Thus, the present study is based on the following questions: How do the images about the Vargas Era present in the 3rd year ensino médio Schoolbook of Escola Colares Moreira (Codó - MA) portray the period in question? What pertinent analyzes were found in the schoolbook? How does the teacher methodologically use images to approach the Vargas Era at school? In what sense can images contribute to students' historical understanding? Methodologically, the research dialogued with Litz (2009); Burke (2010); Olim (2010); Silva (2010); Sampaio (2013); Ginity (2015); Gomes (2016); Amorim and Silva (2016); among others. Fieldwork was also carried out, with the application of a questionnaire for students in the 3rd year of ensino médio. The results pointed out the importance of iconographies in the understanding of the students, who asserted a better learning with the analytical exploration of the images, seeing them as a document, more than simple illustrations of the book.

**Keywords:** Iconographies; Teaching; History; Vargas Era.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Imagem do tipo fotografia retratando a classe média em 1921 em São Paulo (SP). .....	42
FIGURA 02: Iconografia que apresenta a legenda como: operários em frente a uma fábrica de tecidos na cidade de Salto (SP), por volta de 1920. ....	42
FIGURA 03: Fotografia de trabalhadores da construção civil no Rio de Janeiro (RJ) em 1920. ....	42
FIGURA 04: fotografia de participantes da revolta dos 18 do forte, ocorrida no Rio de Janeiro, da esquerda para direita, aparecem os tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Nílton Prado e o civil Otávio Correia. ....	43
FIGURA 05: Fotografia que mostra Getúlio Vargas no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro (RJ), dias antes de tomar posse do Governo Provisório, em 1930. ....	44
FIGURA 06: Fotografia de soldados paulistas, durante a Revolução de 1932... ..	45
FIGURA 07: Cartaz da Revolução de 1932.....	45
FIGURA 08: Integrantes do Partido Comunista Brasileiro presos durante o Levante Comunista de 1936. ....	46
FIGURA 09: Pela Rádio, Getúlio Vargas anuncia a implantação do Estado Novo. Fotografia tirada no dia 10 de novembro de 1937, no Rio de Janeiro (RJ). ....	47
FIGURA 10: Cartaz produzido pelo DIP, em 1944. ....	48
FIGURA 11: Cartaz produzido pelo DIP, em 1940, exaltando a figura de Vargas. ....	48
FIGURA 12: Fotografia da escola Centro de Ensino Colares Moreira.....	51

## LISTA DE ABREVIATURAS

ANL: Aliança Nacional Libertadora  
CLT: Consolidação das Leis do Trabalho  
DOP: Departamento Oficial de Publicidade  
DPDC: Departamento de Propaganda e Difusão Cultural  
DNP :Departamento Nacional de Propaganda  
DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda  
MEC: Ministério da Educação  
PNLD: Programa Nacional do Livro Didático  
PRP: Partido Republicano Paulista  
PRM: Partido Republicano Mineiro  
PCB: Partido Comunista Brasileiro  
TICs: Tecnologias da Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>AS IMAGENS ENQUANTO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	<b>17</b>
1.1 As imagens na pesquisa historiográfica .....	17
1.2 Iconografia e ensino de História .....	20
1.3 Iconografia e o trabalho com imagens no Livro Didático de História.....	26
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>A ERA VARGAS EM IMAGENS: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA</b> .....	<b>30</b>
2.1 Breve histórico acerca da Era Vargas .....	30
2.2 A Era Vargas: as imagens do Estado Novo e os livros didáticos.....	37
2.3 Conteúdo e imagens: uma análise do Livro Didático .....	40
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>50</b>
3.1 Caracterização do local de estudo .....	50
3.2 O uso das imagens do Livro Didático no ensino de História no Centro de Ensino Colares Moreira .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
REFERÊNCIAS .....	59
APÊNDICES.....	63

## INTRODUÇÃO

As imagens adquiririam grande relevância na pesquisa histórica como fontes na produção historiográfica, importância que se estendeu para o campo educacional como recurso pedagógico estratégico no processo de ensino-aprendizagem. Hoje os livros de História apresentam variadas tipologias de imagens (figuras, gravuras, pinturas, fotografias, mapas) como elementos imprescindíveis na leitura e compreensão dos conteúdos, que comumente estão distantes no tempo e espaço da realidade dos alunos. Enquanto material utilizado no cotidiano escolar, o livro didático é o principal elemento usado por professores e alunos, apesar de seus conteúdos estarem alinhados a um currículo oficial, os professores precisam sintonizar os recursos didáticos e a vivência dos educandos, despertando o interesse e tornando a aprendizagem algo prazeroso.

A realidade dos estudantes contemporâneos é marcada por constante contato com os mais variados tipos de imagens, bastante presentes em quase todos os lugares, como *outdoors* de publicidade nas ruas, na televisão e com mais força na internet. Fato que traz novos paradigmas e dilemas, principalmente para o ensino de História, que comumente faz uso de recursos imagéticos em sala de aula, susceptíveis a reflexões críticas e questionamentos por parte de estudantes e professores. Nesta perspectiva, a iconografia<sup>1</sup> surge como mecanismo indispensável na leitura e interpretação das imagens, cabendo aos docentes efetuar o tratamento metodológico adequado à leitura das diversas imagens presentes nos livros didáticos ou em outros materiais.

Com efeito, destaca-se o estudo do uso das imagens na abordagem histórica em sala de aula, considerando tal assertiva, este trabalho tem como problematização os seguintes questionamentos: como as imagens sobre a Era Vargas presentes no livro didático de História do 3º ano do ensino médio utilizado na escola Centro de Ensino Colares Moreira retratam o período em questão? Quais as análises pertinentes encontradas no livro didático? Como o professor(a) utiliza metodologicamente as imagens do livro didático para abordagem da Era Vargas na

---

<sup>1</sup> Conforme Litz (2009, p. 14) “a palavra iconografia vem do grego *eikon* (imagem) e *graphia* (escrita), ou seja, literalmente escrita da imagem”. Diz respeito a todas as formas de imagens e metodologias de descreve-las.

escola Centro de Ensino Colares Moreira? Em que sentido as imagens podem contribuir para a compreensão histórica dos estudantes?

Assim, o objetivo deste trabalho é discutir o uso das imagens sobre a Era Vargas no contexto pedagógico na escola Centro de Ensino Colares Moreira em Codó-MA. Para tal fim, foram traçados alguns objetivos específicos, a saber: leitura iconográfica das imagens referentes à Era Vargas presentes no Livro Didático de História utilizado em turma de 3º ano do ensino médio da escola Centro de Ensino Colares Moreira; descrição das formas de abordagens das imagens do Livro Didático; diagnóstico do grau de compreensão dos educandos acerca da leitura iconográfica de imagens no livro didático.

A discussão acerca do uso das imagens dos livros didáticos no ensino de História faz-se importante pela dimensão que estas tem ganhado no espaço da pesquisa histórica enquanto fonte e como suporte pedagógico, uma vez que utilizadas no processo de ensino podem melhorar consideravelmente a aprendizagem. Assim, é fundamental a produção de conhecimento relacionado ao potencial didático das imagens na assimilação de saberes no campo da História, disciplina encarada muitas vezes pelos estudantes com certa hostilidade, por apresentarem informações distantes de sua realidade e incompreensíveis para os mesmos, o que evidencia a necessidade de novas práticas e estratégias para um ensino de qualidade.

A pesquisa sobre esta temática está relacionada as experiências de estágios realizadas em turmas do ensino médio, 1º e 3º anos na escola Centro de Ensino Colares Moreira. Durante a realização das atividades chamou atenção a utilização das imagens contidas nos livros didáticos, surgindo a curiosidade e questionamentos sobre o aproveitamento destes documentos visuais nas práticas de ensino da disciplina História. A partir disto foi feita a escolha da temática do uso da iconografia no ensino de história para produção deste trabalho monográfico.

## **METODOLOGIA**

Segundo Prodanov e Freitas (2013) a metodologia pode ser entendida como os procedimentos, as operações mentais e as técnicas utilizadas para se chegar ao conhecimento. Em outras palavras é o passo a passo do pesquisador para atingir os objetivos em um determinado trabalho de natureza científica.

Este estudo foi metodologicamente organizado em duas etapas, a primeira consistiu em pesquisa bibliográfica, no qual foi feita seleção de algumas obras relacionadas à temática discutida neste trabalho. Conforme Cervo e Bervian (1983, p.55):

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte ou da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto.

Assim, a discussão teórica desta pesquisa está fundamentada em trabalhos de autores como: Cervo e Bervian, (1983); Bloch (2001); Ferreira (2005); Kury (2006); Litz (2009); Burke (2010); Olim (2010); Silva (2010); Sampaio (2013); Prodanov e Freitas (2013); Ginity (2015); Gomes (2016); Amorim e Silva (2016); Barbosa e Galvão (2018). Também foram feitas discussões acerca dos conteúdos e iconografias referentes à Era Vargas presentes no Livro Didático #Contato História utilizado em turma do 3º ano da escola Centro de Ensino Colares Moreira.

A segunda etapa consistiu na realização do trabalho de campo, com aplicação de questionário entre os dias 09 e 13 de novembro de 2020 para estudantes do ensino médio da escola Centro de Ensino Colares Moreira, turma do 3º ano A, turno matutino, constituída de 42 alunos, com faixa etária entre 16 e 18 anos. O objetivo foi de obtenção de informações para análise do grau de entendimento dos mesmos acerca das iconografias presentes no livro didático de História utilizado na instituição.

As perguntas direcionadas aos educandos foram as seguintes: 1-Considerando as imagens (fotos, figuras, gravuras, pinturas) presentes em seu livro didático de História, estas ajudam você a compreender melhor os conteúdos? De que forma? 2- Com relação as aulas de História, seu professor(a) explica os conteúdos fazendo uso das imagens? Como é feita esta discussão? 3- Em sua opinião, é importante trabalhar

as imagens em sala de aula? Por que? 4-Observando as imagens de seu livro didático de História, a partir delas você saberia identificar algum período da história, sem necessariamente ler algum conteúdo relativo a elas? Justifique.

Este estudo está organizado em três capítulos, sendo o primeiro intitulado “As imagens enquanto recurso pedagógico no ensino de história” no qual se discute a trajetória de inserção das imagens na pesquisa e ensino de história, tendo como base de análise conhecimentos no campo da iconografia. No segundo capítulo, “a Era Vargas em imagens: uma análise iconográfica” faz-se uma análise iconográfica de algumas imagens sobre a Era Vargas dispostas no livro didático. No terceiro capítulo serão apresentados “resultados e discussões” com base no questionário aplicado junto aos estudantes, focando as práticas pedagógicas do professor(a) de História relacionadas ao uso das imagens presentes no livro didático, bem como a percepção iconográfica dos educandos sobre essas imagens.



## **CAPÍTULO 1**

### **AS IMAGENS ENQUANTO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Neste capítulo se discute a utilização das imagens na pesquisa historiográfica, abordando questões relacionadas ao uso da iconografia como mecanismo de análise imagética. A utilização da iconografia no ensino de História será problematizada, considerando as práticas pedagógicas que tornam as imagens significativas para o processo de ensino-aprendizagem. Os Livros Didáticos de História estão repletos de imagens, como figuras, pinturas, fotografias, ilustrações, mapas, entre outras, que precisam de uma abordagem interpretativa, sendo fundamental um conhecimento metodológico adequado para uma leitura mais significativa dos recursos imagéticos.

#### 1.1 As imagens na pesquisa historiográfica

Durante muito tempo a pesquisa em História esteve centrada na utilização de fontes documentais oficiais, as investigações historiográficas consideravam apenas o registro escrito como subsídio para a produção de conhecimento sobre o passado, sendo considerada a única fonte confiável. De acordo com Peter Burke (2010) desde os tempos de Heródoto havia diversas formas de escrita da História, sendo predominante a que narra os acontecimentos no campo político, dos feitos de estadistas, militares e autoridades religiosas.

Foi a partir da escola dos Annales<sup>2</sup>, no início do século XX, que a historiografia passou a ter diferentes objetos de estudo, ampliando-se a concepção de fontes documentais na pesquisa em História, passando também a ter um caráter mais interdisciplinar, em diálogo com outras áreas do saber, como a Sociologia, Geografia, Antropologia, etc. A chamada História Nova tem diferentes abordagens sobre o passado, não se restringindo apenas a esfera política, abrangendo também estudos de economia, sociedade, cultura, entre outros, destacando o uso das imagens

---

<sup>2</sup> Produção intelectual historiográfica francesa de um grupo de historiadores fundadores da revista Annales, depois chamada “escola dos Annales” tendo contribuições de historiadores como Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff, e Emmanuel le Roy Ladurie, a qual trazem novas abordagem para a produção historiográfica, objetos de estudos diversos e um diálogo com outras áreas de conhecimento. (BURKE, 2010).

enquanto fontes de pesquisa, ganhando considerável espaço na historiografia. Gomes (2016) explica que:

Durante o século XX, diversas metodologias historiográficas foram inauguradas. O documento escrito não é mais a única fonte para pesquisas, como outrora. Aos poucos foram sendo incorporados ao instrumental do historiador novos meios e novos objetos como: fotografia, música, televisão, artes plásticas em geral. Para os antigos historiadores, o conhecimento histórico se baseava na observação indireta dos fatos históricos através dos testemunhos conservados. Os historiadores tinham verdadeira obsessão por documentos, e a Escola dos Annales ampliou essa noção. (PINHEIRO, 2006, apud GOMES, 2016, p.32)

Dessa forma, toda a produção humana torna-se importante enquanto fonte documental na historiografia, resguardando fragmentos do passado e impressões significativas das ações dos homens e mulheres, na compreensão de aspectos sociais, culturais e econômicos das sociedades humanas ao longo do tempo. A diversificação das fontes no trabalho da pesquisa histórica veio a ampliar seus objetos de estudo; tal ampliação da noção de documento trouxe para a historiografia a possibilidade de categorias sociais diversas entrarem para o rol de interesses da pesquisa em História. É importante ressaltar, considerando a natureza das fontes, a necessidade de abordá-las com métodos adequados, buscando a análise crítica das mesmas, considerando que:

[...] toda e qualquer fonte está sempre imersa em condições sociais de produção e são discursos representacionais do real. As fontes expressam valores políticos, sociais, culturais e religiosos, que devem ser lidos de forma crítica e não como verdades naturais e inquestionáveis. (SILVA, 2010, p.173).

Nesta perspectiva, as imagens aparecem como importantes documentos para a historiografia, estas já eram fontes para os trabalhos do historiador da Arte Émile Malê, um dos primeiros a utilizar a iconografia em História da Arte, (BURKE, 2010). Conforme Silva (2010) as imagens, em seus variados sentidos, tornaram-se fonte na pesquisa historiográfica, com mais expressão nos trabalhos de especialistas nas áreas de História Cultural, Social e do Cotidiano, não se reduzindo apenas ao campo dos historiadores da Arte.

Entende-se que o uso das imagens na produção historiográfica constitui-se relevante por estes registros apresentarem intrinsecamente informações sobre os

vestígios das ações humanas ao longo do tempo, como pensavam, agiam, seus valores, ideologia, etc. Não por acaso, as imagens foram ganhando cada vez mais espaço nas análises e discussões teóricas em História, sendo hoje indispensável o seu uso não apenas na pesquisa, mas sobretudo no ensino de História.

Como todo documento, as imagens devem ser analisadas criticamente, como já alertava o historiador Marc Bloch (2001, p.57), quanto aos documentos explica que “[...] mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam, senão quando sabemos interrogá-los”. A análise faz-se necessária uma vez que as imagens representam a concepção de mundo de quem as produziu, portanto, carregadas de valores e percepções dos autores.

[...] Não há como discutir como a imagem traga em si indícios de uma época, no entanto são realidades parciais, afinal esses testemunhos trazem consigo a subjetividade da escolha do seu produtor de um momento e não de outro para ser retratado[...] o resultado final será sempre marcado pelo olhar daquele que a produziu, sobre aquilo que procurou representar em sua obra e, por isso, a imagem é uma construção que deve ser examinada criticamente. (BARBOSA e GALVÃO, 2018, p.21).

Considerando o exposto, entende-se que a iconografia se torna um importante mecanismo de análise imagética no âmbito da História, uma vez que para o estudo das imagens são necessários métodos adequados para apreensão de seus conteúdos. A compreensão da historicidade das fontes imagéticas enquanto documento histórico perpassa uma análise profunda, o que já atestava Marc Bloch (2001), precisa-se antes de tudo, questioná-los: quem os produziu? Qual o contexto sociocultural em que foi produzido? Para quem se produziu? Qual a finalidade? A iconografia ajuda no desvelar de seus conteúdos. Dessa forma, em concordância com Barbosa e Galvão (2018):

[...] as imagens são documentos mudos, e só podem contribuir nas pesquisas históricas, se o historiador conhecer métodos para desvendar as mensagens desse texto não verbal. Por fim, a iconografia se constitui paradoxalmente como um texto não verbal que tem o objetivo de comunicar, embora a imagem se configure irremediavelmente muda. (BARBOSA e GALVÃO, 2018, p.21).

Diante exposto, compreende-se que a iconografia enquanto método que subsidia a leitura do que muitas vezes não se encontra posto de forma explícita nas

imagens, releva representações, impressões políticas e ideológicas dos sujeitos que as produziram, sua finalidade e a qual público se destina. Assim as imagens se constituem como textos não verbais, mas como os textos escritos é necessário conhecimento prévio para saber ler e interpretá-los, neste caso para as imagens existem diversas propostas metodológicas de como abordar os recursos imagéticos, estando a iconografia no centro das discussões do processo de análise.

De acordo com Barbosa e Galvão (2018) a historiografia vem atentando para questões relacionadas ao tratamento didático no ensino de História, ao próprio processo de ensino-aprendizagem em sala de aula exercitado no trabalho do professor. Tal perspectiva não deve perder de vista especificidades do alunado, levando em consideração sua idade e estágio escolar, que implicam em diferentes abordagens dos conteúdos, conectados ao aprendizado da História e às suas inflexões na trajetória dos estudantes.

## 1.2 Iconografia e ensino de História

O ensino de História passou por algumas transformações em relação aos aspectos pedagógicos e quanto aos objetivos ao longo do tempo, sendo hoje inaceitável um ensino que privilegie a memorização de fatos históricos e datas de acontecimentos marcantes do passado. Barbosa e Galvão (2018, p.26) corroboram afirmando que “a própria concepção de educação atual deságua na concepção de que entende o estudo de História como um processo que reflete as temporalidades, de modo crítico, e não mais apenas como mera memorização de datas e personagens históricos.”

Atualmente a concepção pedagógica em relação ao ensino de história, é que seja dinâmico e tenha como finalidade a formação crítica dos sujeitos, de estudantes que saibam analisar e perceber sua realidade como uma construção histórica, o que traz muitos desafios para os professores desta disciplina. Faz-se necessário trazer novas formas de abordagens e diferentes recursos didáticos que tornem o conhecimento histórico mais significativo para os educandos, neste sentido, para Litz (2009):

Um dos principais objetivos do ensino de história é levar os alunos a conseguirem verbalizar e escrever sobre os conteúdos estudados,

utilizando-os para melhor entender e explicar sua realidade, relacionando o presente com o passado, posicionando-se diante dessa realidade, situando-se diante dela e questionando-a quando necessário. (LITZ, 2009, p.10).

Com base na citação, entende-se que para um ensino significativo os professores devem inovar em suas práticas pedagógicas, o que exige que tenham uma base teórica e metodológica que subsidie suas ações em sala de aula. Compreende-se que neste processo didático os recursos imagéticos aparecem como elemento imprescindível para uma melhor compreensão dos alunos acerca da história. Desta forma, a análise iconográfica é base para a construção de práticas eficientes no processo de ensino-aprendizagem. Mas, quais as definições para iconografia? Conforme acepção do dicionário Aurélio Júnior (2005):

1. Arte de representar por meio da imagem. 2 Descrição e estudo de imagens (gravuras, fotografias, etc.).3. Conjunto de ilustrações que constitui ou completa obras de referência ou de caráter biográfico, histórico, geográfico, etc (AURÉLIO, 2005, p.479).

Dada a definição acima, a iconografia diz respeito ao estudo de imagens, aos mais variados recursos imagéticos -gravuras, fotografias, pinturas, etc-, sendo hoje utilizada em diversas áreas de conhecimento, tais como a Antropologia, Sociologia, Artes, História, entre outras. As imagens se tornaram objeto de estudo, utilizadas em sala de aula como recurso pedagógico para construção de saberes pelos educandos, tendo em vista que as imagens têm um caráter informativo que exige uma leitura iconográfica.

Conforme Cecatto e Magalhães Jr. (2011) a iconografia esteve relacionada aos estudos da História da Arte nas décadas de 1920 e 1930, e é pertinente ao estudo e origem das imagens, diz respeito a interpretação destas. Para Gomes (2016, p.14) a iconografia “é toda foto, gravura, charge, ícone, vídeo, som ou símbolo que acompanham o texto ou que possam ser inseridos em determinados assuntos, melhorando o entendimento do aluno.” De acordo o Minidicionário da língua portuguesa, iconografia é definida como “1. Arte de representar algo por meio de imagens. 2.Descrição de imagens (pinturas, gravuras etc.). (CURY, 2001, p.408).

Como se percebe, as concepções convergem para a ideia de que a iconografia representa o estudo descritivo das diferentes tipologias imagéticas, o que para tal é essencial o domínio de pressupostos teóricos e metodológicos para a análise dos

documentos imagéticos. Para o ensino de História, é fundamental que os professores busquem conhecimento no campo da iconografia, considerando que hoje as imagens constituem recurso didático que enriquece os estudos de história. Nesse sentido, para Gomes (2016):

No processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História do ensino fundamental [e ensino médio], saber interpretar as iconografias tornou-se necessário uma vez que vivemos numa sociedade em que as imagens nos chegam a todo instante, seja pelos meios de comunicação, ou pelos recursos didáticos. (GOMES, 2016, p.15, *grifo nosso*).

Nesta perspectiva, o uso das imagens enquanto recurso pedagógico nas aulas de história deve ser utilizado de maneira eficiente, não apenas como ilustrações, sejam as que se encontram postas nos livros didáticos, ou em outros materiais que são utilizados pelos docentes. Para tal fim, pressupõe-se que haja um preparo dos professores para trabalhar os múltiplos recursos imagéticos em sala de aula, sendo tarefa do docente buscar o conhecimento iconográfico, muitas vezes não adquirido em sua formação acadêmica.

Na era de informações associadas as imagens, saber interpretar corretamente signos visuais tornou-se uma premissa aos acadêmicos e profissionais do ensino. E por isso mesmo, o estudo associado as imagens se tornou uma ferramenta muito importante que pode ser utilizada pelos professores de História para efetuar o seu trabalho [...] contudo, antes de utilizar a imagem como uma simples ilustração ou um apêndice em suas aulas, debates ou discussões o professor precisa compreender a imagem em seus parâmetros teóricos, pensar nela como parte integrante de um universo visual, compreender o real significado da iconografia em suas diferentes interpretações [...]. (LITZ, 2009b, p.02)

Os professores de História precisam saber fazer uma correta abordagem dos recursos imagéticos em sala de aula, viabilizando uma melhor compreensão das múltiplas informações intrínsecas a estes documentos visuais. As imagens ainda têm sua importância por serem elementos que podem despertar curiosidade e interesse dos educandos, auxiliando na compreensão de fatos históricos, distantes de sua realidade e de difícil compreensão para os estudantes, enriquecendo o conteúdo trabalhado em sala de aula, para isso é imprescindível o domínio da linguagem iconográfica, além de um planejamento adequado, assim, para Litz (2009):

Quando o professor planeja suas aulas de história, deve fazê-lo sempre se questionando sobre o tipo de reação que suas ações provocará nos alunos; deve ter claro que tipo de operação mental está acionando e exigindo de seus alunos: recordação, reconhecimento, associação, comparação, levantamento de hipóteses, crítica, interpretação, solução de problemas etc. (LITZ, 2009, p.10).

Este planejamento faz toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem uma vez que resultam em bons resultados quanto a assimilação dos conteúdos pelos alunos, além de tornarem mais significativos e compreensíveis. Litz (2009) aponta que os alunos agregam valores e explicações que são passados no cotidiano escolar, por isso os docentes têm que oferecer variados estímulos que ajudem os alunos a se posicionarem diante dos conteúdos trabalhados, fatos históricos, imagens marcantes, processos etc. A referida autora assevera que estudar o passado pelo passado não faz sentido, o que é motivo de falta de interesse de muitos alunos pela história, o professor deve despertar este interesse, ajudar na construção da capacidade crítica dos alunos.

Os professores devem utilizar as mais diferentes metodologias no processo de ensino, considerando que cada educando tem seu ritmo de aprendizagem. Entende-se que quanto mais estímulos e experiências em sala de aula, melhor aprenderão os conteúdos trabalhados. Isto serve de provocação para professores de História, especialmente no que tange ao uso de documentos visuais, que prescindem de uma leitura iconográfica adequada para operacionalizar a compressão de fatos históricos. Litz (2009) explica que:

Atualmente, o uso de imagens, por exemplo, é uma das formas mais eficazes utilizadas como recurso pedagógico no ensino de história para incrementar o processo de aprendizagem. E são muitos os meios que se apresentam para esta utilização: vídeo documentários, cinema, pintura, fotografia, música, mapa, internet, história em quadrinhos, arquitetura, softwares, enfim, há uma infinidade deles. (LITZ, 2009, p.12).

Com a imensa quantidade de recursos imagéticos hoje passíveis de serem usados no processo de ensino, dentre os quais muitos estudantes já tem contato em espaços fora da escola, a tarefa ou desafios para o docente é saber abordá-los de forma eficiente ao expô-los em sala de aula, mesmo os diversos tipos de imagens contidos nos livros didáticos, Litz (2009) aponta algumas questões relevantes para serem observadas pelos docentes.

Para o professor de história a definição dos objetivos de estudos é essencial no que se refere à organização primária das imagens a serem trabalhadas em sala de aula como suporte didático. Assim, um questionamento se torna cada vez mais relevante: que critérios devem ser utilizados para selecionar as imagens e como realizar a sua leitura junto aos alunos? Que papel desempenha a análise do passado no estudo de seus laços com o presente? (LITZ, 2009, p.14).

Portanto, o professor precisa atentar para cada detalhe do que irá expor em sala, uma vez que os documentos imagéticos precisam ser questionados, analisados criticamente, de modo que torne nítida para todos os educandos a relação entre estes e os fatos históricos, uma vez que foram produzidas a partir da percepção de realidade de seus autores e ainda tiveram interpretações diferentes ao longo do tempo. Dessa forma, a iconografia possibilita perceber os documentos visuais como textos não verbais, passíveis de leitura a partir do domínio metodológico, descrevendo-se e questionando as imagens. Barbosa e Galvão (2018) ao se reportarem as imagens explicam que:

[...] a imagem não deve mais ser percebida como ilustração sem importância, pois são vestígios da ação humana, e, como já sabemos, toda ação humana está “moldurada” pela cultura, pelos valores, pela situação socioeconômica de um dado período histórico. Contudo, mesmo sendo marcas de um tempo, não podem ser encaradas como testemunhos da verdade. Não há como discutir que a imagem traga em si indícios de uma época, no entanto, são realidades parciais, afinal, esse testemunho traz consigo a subjetividade da escolha do seu produtor de um momento e não de outro para ser retratada. (BARBOSA e GALVÃO, 2018, p.21).

Considerando o pensamento dos autores acima, o uso pedagógico das imagens requer uma análise crítica dos documentos visuais, pois estes representam a concepção de realidade dos que os produziram, ligados a um dado contexto histórico, carregado de valores atrelados a dada ideologia, etc. Dessa forma, para Barbosa e Galvão (2018) os documentos devem ser observados levando em conta como foram produzidos, os seus significados, e os sentidos que tiveram na realidade que estavam inseridos.

O uso didático das imagens, seja no ensino fundamental ou no ensino médio, apresenta muitas vantagens no processo de ensino-aprendizagem ao serem articuladas com os conteúdos. Hoje é indispensável para a disciplina História que conteúdos sejam trabalhados com imagens que retratem um dado período. As



imagens ajudam no entendimento do texto, ambos se complementam quanto a leitura de um fato, ajudam o professor, no que tange a sua abordagem, em seu planejamento e ao educando, na assimilação das informações.

Levar a linguagem iconográfica para o processo educacional requer um trabalho prévio de análise dos materiais visuais, uma seleção do que se pode ser melhor abordado em sala de aula, tendo que considerar o conhecimento prévio dos alunos sobre os conteúdos a serem discutidos, de modo a se estabelecer um diálogo em que os alunos adquiram a capacidade de fazer uma leitura de realidade a partir das imagens. Os professores não podem cair na comodidade de apenas descrever aquilo que as imagens já mostram explicitamente, mas sempre analisar de forma crítica os documentos visuais, uma vez que estes têm múltiplas significações estabelecidas no contexto de sua elaboração.

Considerando o potencial pedagógico das imagens no ensino de História, muitos autores orientam quanto ao uso da iconografia enquanto método de se trabalhar os recursos visuais, alguns já mencionados nesta discussão. O professor precisa treinar o olhar para a análise iconográfica, para fazer uma leitura crítica e construtiva didaticamente. Litz (2009) explica que quanto mais os professores se dispuserem a compreender as imagens no seu contexto de produção, mais fácil será abordar em sala de aula, conforme a autora:

É importante que o professor conheça as características das obras com as quais irá trabalhar. Saber sobre os artistas, autores, técnicas utilizadas e o momento histórico em que foram realizadas, sejam filmes, documentários, pinturas, gravuras, charges, esculturas ou histórias em quadrinhos.[...] O trabalho com imagens deve possibilitar discussões sobre as condições de produção daquela imagem, ou seja, o contexto social, temporal e espacial em que foi produzida. Assim podem-se perceber seus significados, tanto para a época e sociedade em que foi produzida como para outras sociedades, em outros períodos e contextos históricos. (LITZ, 2009, p.15-16).

Com base no exposto, compreende-se que para um melhor aproveitamento dos documentos visuais, é interessante que os professores façam um estudo a parte de todos os recursos que estão no livro didático e em outros recursos didáticos que utiliza em suas aulas, prezando pelo planejamento e mesmo pesquisa acerca das imagens, buscando estratégias de envolvimento dos estudantes com os conteúdos ministrados. Barbosa e Galvão (2018) discutem algumas questões que podem nortear a análise

dos recursos visuais em aulas de História, tais como os questionamentos sobre as produções iconográficas, que são,

[...] Quem produziu esse texto visual? e por que foi produzido? Quais os impactos desses documentos no momento de produção e em circunstâncias posteriores? Isso aguçará o aluno e possibilitar-lhe-á a construir seus próprios pareceres, que deverão ser partilhados com a turma, com o auxílio do professor. (BARBOSA e GALVÃO, 2018, p.28).

Portanto, as imagens e sua leitura através da iconografia no ensino de História constituem método enriquecedor nas aulas, tendo em vista que ajudam o educando na compreensão da história. Valendo-se das imagens os professores estarão levando para suas aulas um recurso que pode despertar curiosidade, podendo ministrar uma aula atrativa e dinâmica, mesmo utilizando o livro didático, que hoje já vem com os mais variados tipos de imagens, figuras, fotos, pintura, charges, mapas, etc. Amorim e Silva (2016) destacam alguns benefícios da utilização dos documentos visuais no ensino,

[...] trabalhar com imagens viabiliza uma melhor interpretação da história, levando os (as) educandos (as) a discernir sobre determinadas épocas, com produtivas informações e detalhes, o que abre uma lista de possibilidades para o conhecimento do passado. Semelhantemente, não apenas propiciará nesses aspectos, mas também desenvolverá um cidadão mais crítico, autônomo e independente na sociedade em que atua. (AMORIM e SILVA, 2016, P.174).

Portanto, com uma análise sistemática das imagens em sala de aula os alunos irão perceber os documentos visuais como recurso passível de extrair diversas informações acerca de um dado período histórico, e não apenas, estarão capacitados a olhar de forma mais apurada as variadas imagens que fazem parte do seu cotidiano, o que contribui para construção de conhecimento e criticidade. Para uma interpretação imagética, mesmo as que já veem articuladas a um texto nos livros didáticos, é imprescindível observar pressupostos didáticos para seu uso no cotidiano escolar.

### 1.3 Iconografia e o trabalho com imagens no Livro Didático de História

A história de utilização do livro didático é bastante antiga e ao longo do tempo o livro didático foi sendo reconhecido como material essencial para o trabalho do

professor. Assim, o livro didático constitui-se como ferramenta utilizada no dia-a-dia pelos professores em sala de aula, é um material indispensável para o ensino na contemporaneidade. No Brasil o livro didático é distribuído gratuitamente pelo MEC (Ministério da Educação) através do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) chegando às escolas federais, estaduais e municipais de todo o país,

O Livro Didático é tão presente nas escolas brasileiras e há tanto tempo, que já ganhou o *status* de sujeito. Este senhor, pois a sua origem data do final da Idade Média europeia, foi e ainda é uma das principais ferramentas que os professores utilizam nas salas de aulas, até fora delas [...] (GINITY, 2015, p.918-919).

Apesar de o livro ser material didático de grande importância nas aulas, sem uma abordagem adequada de seus conteúdos, como de contextualização a realidade dos educandos, o diálogo, o debate e leitura de outros materiais complementares, sua utilização pedagógica torna-se ineficiente. Neste contexto, aparecem as imagens, tão presentes nos livros didáticos de história, mas que por vezes não são abordadas de forma adequada, sendo apresentadas como apêndices ou meras ilustrações, deixando-se de explorar o grande potencial informativo que estes recursos possuem para a leitura na ciência História.

As imagens do livro didático de história são fundamentalmente relevantes para o processo pedagógico de ensino, em sua função didática, devem apresentar elementos de fácil leitura para professores e estudantes. A qualidade educacional das imagens contidas nos livros didáticos, sejam elas ilustrações, fotografias, pinturas, mapas entre outras, está entre as exigências avaliativas do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). No Guia de Livros Didáticos de História do Ensino Médio (2018) entre as exigências de critério avaliativo das obras asseveram a evidente coesão entre os textos, as imagens e as atividades; devidamente contextualizadas, (PNLD, 2018, p.13).

Bittencourt (2009) apud Sampaio (2013) explica que as imagens passaram a ser mais incorporadas nos livros didáticos na segunda metade do século XX, e que hoje existem os mais diversos registros visuais nos livros didáticos, com inclusive indicações sobre outros recursos visuais como documentários, vídeos para os professores e alunos como complemento de ensino. Apesar da difusão de variados documentos visuais, a grande questão centra-se na forma de abordá-las em sala de aula, pois mesmo tendo informações sobre as imagens nos livros didáticos, é

necessária uma análise iconográfica. Neste sentido, em concordância com Sampaio (2013),

[...] Devido a pluralidade de imagens presente nos livros didáticos, advindas de naturezas distintas, torna-se essencial que reflitamos criticamente sobre as metodologias que vem sendo empregadas no tratamento destas fontes. As metodologias e as abordagens didáticas escolhidas devem respeitar as especificidades de cada registro visual presente nesses livros, de modo a impulsionar as suas potencialidades de aprendizado e não reprimi-las. (SAMPAIO, 2013, p.11)

Com base no exposto, compreende-se que as práticas pedagógicas no ensino de História utilizando-se de documentos imagéticos presente nos livros didáticos exige uma reflexão acerca dos mesmos, considerando elementos como a temporalidade e interpretações que foram dadas ao longo do tempo, pois as imagens enquanto documento histórico visual precisam ser analisados criticamente, o professor deve abordar as imagens contidas nos livros didáticos com métodos adequados. A partir de uma leitura ancorada em um arcabouço teórico e metodológico das imagens presentes nos livros didáticos de História, com uma prática reflexiva dos conteúdos, estes se tornarão mais significativos para os educandos, neste sentido, Leão e Rodrigues (2013) explicam,

[...] Esse tipo de fonte **[a imagem]** traz uma série de facilidades no que diz respeito a uma maior compreensão cognitiva do conteúdo de História por parte do aluno. O uso da imagem quebra com a persistente e massiva leitura de longos textos, além disso, ela é mais atrativa, devido a sua comunicabilidade à primeira vista. Independentemente da idade, o discente se torna capaz de compreender uma determinada imagem e suas implicações. A iconografia retrata situações, estilos, ideologias e aspectos culturais de determinado contexto histórico. Mas para que a imagem seja analisada e interpretada de modo apropriado, como fonte apropriada para o conhecimento sobre História, é necessário o acompanhamento do professor de História. (*grifo nosso*, LEÃO e RODRIGUES, 2013, p.02).

O professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem ao fazer uso dos documentos visuais, especialmente os apresentados nos livros didáticos, tem de fazer uma minuciosa leitura dos mesmos, uma vez que as imagens são também elementos de uma construção histórica. É preciso pensar sobre os diferentes aspectos que envolvam a produção das imagens, as tendências e influências que o autor tenha sofrido, quais as motivações de produção, a qual público é destinada etc. Assim, a

leitura iconográfica em sala de aula representa um enriquecimento do ponto de vista didático, ao proporcionar a construção de conhecimento pelos professores e alunos,

Estimular e direcionar a leitura de textos imagéticos nos livros didáticos de história também pode trazer benefícios que vão além da disciplina, auxiliando o estudante, permitindo que ele desenvolva habilidades como comparar, descrever, enumerar, discriminar, recriar, e interpretar qualquer texto ilustrativo. (GOUVÊ, sd, p.55, apud OLIM, 2010, p.95).

Com a leitura iconográfica os alunos podem adquirir maior autonomia quanto a percepção da construção histórica de sua realidade, observando com acuidade aspectos sociais, culturais e econômicos. Neste sentido, a leitura dos recursos imagéticos dos livros didáticos amplia as possibilidades de os estudantes adquirirem conhecimento histórico, Gomes (2016) corrobora ao afirmar que utilizar linguagens diferenciadas no processo de ensino torna a aprendizagem algo mais prazeroso para o educando, envolvendo-o e capacitando-o a se posicionar frente aos problemas da sociedade em que vive.

Mas quais as imagens estão contidas nos livros didáticos? quais são as definições para essas imagens? Como já apontado neste estudo, o uso das imagens no ensino não é algo novo, e que ao longo do tempo foi ganhando cada vez mais espaço nos materiais didáticos. Existem muitas definições para as imagens, Guerra, (1998, p. 84) apud Olin (2010, p.94) define na perspectiva da Semiótica como “[...] um signo, uma noção completa que designa todo um meio de encarnar a representação mental de um objeto, de uma ideia, de um desejo, com a finalidade de transmiti-lo em forma de mensagem.” Assim, as imagens constituem-se como elementos comunicativos, os quais transmitem ideias de forma implícita e explícita, tendo imagens de fácil compreensão de mensagem como as utilizadas para na propaganda de venda de um produto, e outras que são interpretadas com base em determinados saberes, como as que expressam símbolos religiosos da Antiguidade etc.

## **CAPÍTULO 2**

### **A ERA VARGAS EM IMAGENS: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA**

Neste capítulo discute-se questões relacionadas a chegada de Getúlio Vargas no poder, apontando-se os desdobramentos políticos que resultaram na Revolução de 1930, bem como o golpe de 1937, o qual prolonga a permanência de Vargas no poder, cujo governo mantém o controle de várias instituições e cria uma imagem de um líder infalível e próximo das massas através dos meios de propaganda da época. Neste capítulo também serão analisadas algumas imagens e conteúdos referentes a Era Vargas presentes em livro didático utilizado no ensino médio da escola Centro de Ensino Colares Moreira.

#### 2.1 Breve histórico acerca da Era Vargas

O período chamado de Era Vargas compreende os anos de 1930 a 1945 em que ocorreram alguns desdobramentos políticos que favoreceram a chegada e permanência durante quinze anos de Getúlio Vargas no poder. Para compreensão deste contexto, é necessário discutir a situação econômica, política e social que o Brasil vivia naquele momento, marcado pela concentração de poder nas mãos das chamadas oligarquias agrárias, grupos políticos principalmente de São Paulo e Minas Gerais que dominavam o cenário político, alternando-se na presidência da república, o que ficou conhecido como Política do Café com Leite.

A economia estava enfraquecida pela grave crise econômica mundial desencadeada pela queda da bolsa de valores de Nova York em 1929, que somada a diversos outros fatores como a corrupção e o grande atraso social do país, culminou em revoltas e desdobramentos políticos que contribuíram para a chegada de Vargas e seu grupo político ao poder.

Na década de 1920 o Brasil já passava por algumas transformações, mesmo em um ritmo lento, como o crescimento das cidades, a consolidação de uma classe média, com profissionais liberais, como também uma classe operária urbana, no entanto, o país ainda apresentava uma economia voltada para exportação de produtos primários, principalmente o café, e com diversos problemas sociais, com atraso em

todas as áreas, educação, saúde, nas quais o Estado não apresentava uma estrutura organizacional que promovesse desenvolvimento social.

Os problemas supracitados eram atribuídos a uma política nacional dominada pelas elites regionais, que dominavam o cenário desde 1889, havia descontentamentos entre vários setores da sociedade brasileira, entre os quais incluíam os militares, que tentaram através de levantes, conhecidos como Movimento Tenentista, como a Revolta do Forte de Copacabana em 1922 e a Coluna Prestes em 1924-1927, derrubar o governo federal, neste sentido,

Até o final dos anos 20, o Estado brasileiro se constituía de poderes políticos regionais, estabelecidos em cada unidade da federação, estados e territórios, que se preocupavam apenas com seu próprio destino. O governo central era visto principalmente como a entidade encarregada das relações externas, a defesa nacional e uma fonte de recursos financeiros para negociações em troca de apoio político regional. (JAMBEIRO *et al*, 2004, p.09).

O engajamento do Movimento Tenentista para a moralização das instituições republicanas e sobretudo enfraquecimento das oligarquias não resultou em uma revolução que derrubasse o governo das elites regionais, a ruptura com a velha Política do Café com Leite<sup>3</sup> ocorreria em função de alguns fatos envolvendo cisões entre o PRP (Partido Republicano Paulista) e o PRM (Partido Republicano Mineiro), ocasionada pela indicação do então presidente da República Washington Luís para sua sucessão o também paulista Júlio Prestes, em vez da escolha do Presidente de Minas Gerais Antônio Carlos, o descontentamento resultou no apoio do PRM a Aliança Liberal com a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas para a eleição de 1929, a vitória no pleito eleitoral foi do candidato apoiado pelo governo Júlio Prestes. Houve o reconhecimento da vitória por alguns membros da Aliança Liberal, como também o descontentamento de outros, que defendiam uma intervenção armada, o que veio a ocorrer com a morte do vice-presidente da chapa de Getúlio Vargas João Pessoa, sendo o estopim da Revolução de 1930.

Embora os ideais revolucionários estivessem em estado embrionário em movimentos de rebeldia militar ocorridos em 1922, 1924 e 1926, sua ideologia somente começou a tomar corpo quando Vargas assumiu o comando do Governo Provisório, em 1930. Sete anos depois, parcialmente realizada, a revolução que se pretendia

---

<sup>3</sup> Conforme Bernardo (2019, p.19) “A denominação, 1ª República ou “República do Café com leite”, são designações que surgem após os movimentos da Revolução de 1930 que acabou derrubando os grupos hegemônicos paulistas e iniciando-se outro processo da História do Brasil.”

democrática sofreu seu definitivo desvio e enveredou pelo caminho autoritário. Em 10 de novembro de 1937, o já então presidente constitucional Getúlio Vargas consolidou uma aliança com os militares, assegurando, assim, a implantação da ditadura do Estado Novo. (JAMBEIRO *et al*, 2004, p.09)

Com a derrubada do então presidente eleito Júlio Prestes - que foi exilado do país - Getúlio Vargas assume o governo provisório, com a promessa de uma nova constituição, as assembleias estaduais e as câmaras municipais foram extintas, os governadores depostos e nomeados interventores - em sua maioria militares - para os Estados. Neste interim houve um movimento desencadeado em São Paulo, a chamada Revolução Constitucionalista de 1932, na qual os insurgentes foram derrotados pelo governo central, em 1934 é promulgada uma nova constituição, com semelhanças a de 1891, mas com muitos aspectos novos, Fausto (1995) explica que a nova carta constitucional trouxe novidades quanto a ordem econômica, que preconizava a nacionalização das minas, jazidas minerais entre outros elementos essenciais a defesa econômica e militar, ao trabalho, com a asseguarção da autonomia de sindicatos e direitos aos trabalhadores, a segurança nacional, a educação pública etc.

Com a Constituição de 1934 e a formação da Assembleia Nacional Constituinte parecia que o país voltaria a normalidade democrática, foram formados alguns novos partidos políticos, entretanto a primeira eleição seria feita por voto indireto. Assim, conforme Fausto (1995, p.352) “A 15 de novembro de 1934, pelo voto indireto da Assembleia Nacional Constituinte, Getúlio Vargas foi eleito Presidente da República, devendo exercer o mandato até 3 de maio de 1938 [...]”. Diante de alguns acontecimentos no país, como a efervescência da disputa entre diversos grupos, como comunistas e também integralistas de cunho fascista, apareceu um suposto plano de revolução comunista no Brasil, o chamado Plano Cohen, publicado pela imprensa integralista, que resultou no golpe de 1937 dando início ao Estado Novo, uma ditadura sob liderança de Getúlio Vargas. Nesse sentido, Fausto (1995) explica que,

No dia 10 de novembro de 1937, tropas da polícia militar cercaram o congresso e impediram a entrada dos congressistas. O ministro da guerra -general Dutra – se opusera a que a operação fosse realizada por forças do exército. À noite, Getúlio anunciou uma nova fase política e a entrada em vigor de uma Carta Constitucional, elaborada por



Francisco Campos. Era o início do Estado Novo. (FAUSTO, 1995, p.364).

Dessa forma, foi implantada uma ditadura no país, com uma nova carta constitucional marcada por forte caráter autoritário, com um executivo forte e predominante sobre o judiciário e o legislativo, este último dissolvido, assim como câmaras e assembleias legislativas dos Estados, Getúlio governaria por meio de decretos-leis. Com o amparo legal sob suas ordens Getúlio Vargas trata de organizar um Estado ditatorial, com o controle total das instituições, alinhando a imprensa com a ideologia de seu governo. Nesta perspectiva, Boeckel (2005) infere que:

A ideologia propagada pelo governo Vargas, por meio do ideal de construção da nação como uma unidade, suprime e estereotipa os regionalismos. Identificando a nação com o governo - personificado na figura do ditador - a governabilidade em um regime sem democracia torna-se mais fácil. Getúlio Vargas passa a representar a encarnação viva do povo e da nação. (BOECKEL, 2005, p.47).

O Estado Novo caracterizou-se por grande centralização do poder, os estados passaram a ser governados por interventores nomeados por Getúlio Vargas, que eram controlados por um departamento administrativo, as garantias de direitos civis foram suspensas. No entanto, foram aplicadas medidas de aproximação entre o governo e as diversas categorias sociais, assegurando a satisfação de interesses diversos, mantendo, por exemplo, os sindicatos sob tutela do governo, com um controle de seus dirigentes, houve também mudanças na educação com a reforma no ensino secundário como também a institucionalização do ensino industrial.

O novo governo trata de controlar também todos os órgãos de imprensa e propaganda, o que já vinha sendo feito com menor grau durante a Revolução de 1930, contexto no qual foi criado o Departamento Oficial de Publicidade-DOP, órgão ligado ao então Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Posteriormente, em 1934, o DOP foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, o DPDC, órgão responsável pela divulgação de informações sobre as ações do governo, como também o incentivo à produção cultural nacional. esses foram os primeiros órgãos criados com a função de intervenção na divulgação do governo Vargas, sobre o DPDC Boeckel (2005) explica que:

[...] As funções do novo órgão compreendem, além dos serviços de notícias à imprensa e de radiodifusão, o estímulo à produção de filmes educativos por meio de prêmios e favores fiscais. A coordenação do órgão é entregue a Lourival Fontes, jornalista confessadamente

adepto do fascismo italiano, que passa a ser o homem forte da propaganda e controle à imprensa do governo Vargas. (BOECKEL, 2005, p.52).

Como se percebe os meios de comunicação utilizados a época, com mais força o rádio, os jornais impressos e o cinema, passaram a ser vistos pelo governo como importantes meios de aproximar o povo na ideologia governista, como importantes ferramentas de utilizada pública. Dessa forma, aos poucos o Estado foi tendo cada vez mais controle do que era publicado na imprensa, reorientando e censurando o que não estivesse alinhado à política governista, o controle se estendeu a diferentes áreas de formação de opinião pública, tais como educação, teatro, entre outros. No ano de 1938, o DPCD passa por uma outra mudança, passou a ser chamado de Departamento Nacional de Propaganda -DNP, com muitos recursos disponíveis para educação nacional, Segundo Boeckel (2005),

Uma das principais atuações do DNP é a promoção do Brasil no exterior, principalmente com a divulgação de jornalistas, escritores e artistas brasileiros fora do país. O Boletim de Informações é criado, um jornal que visa divulgar a cultura nacional. É editado em quatro idiomas e distribuído em hotéis, consulados, embaixadas e navios. O DNP também tornou-se responsável pela inauguração do programa Voz do Brasil, transmitido por todas as estações de rádio, com duração de uma hora, com o objetivo de divulgar os acontecimentos da vida política nacional. (BOECKEL, 2005, p.53).

Considerando a citação acima, entende-se que o regime varguista buscou por todos os meios necessários e disponíveis a publicidade governista, criando uma imagem de um novo Brasil, unido e em desenvolvimento, não apenas para os cidadãos brasileiros, mas também no exterior, prática semelhante às utilizadas pelos regimes nazifascistas da Europa. Desse modo, buscou-se justificar a Revolução de 1930, e a instauração do Estado Novo, como meio de manter a ordem e modernizar o país, criando uma identidade nacional, processo no qual os meios de comunicação e a educação escolar tinham fundamental importância.

Para a construção de uma imagem positiva do novo regime junto as diferentes categorias sociais, as ações de aperfeiçoamento dos órgãos de propaganda no governo Vargas culminaram na criação do Departamento de Imprensa e Propaganda-DIP<sup>4</sup>, com um grande aparato para o controle ideológico da população brasileira, que de acordo com Fausto (1995),

---

<sup>4</sup> Decreto-Lei N° 1.949, de 30 de dezembro de 1939.

[...] o DIP exerceu funções bastante extensas, incluindo cinema, rádio, teatro, imprensa, “literatura social e política” proibiu a entrada no país de “publicações nocivas aos interesses brasileiros”, agiu junto a imprensa estrangeira no sentido de se evitar que fossem divulgadas “informações nocivas ao crédito e cultura do país”; dirigiu a transmissão diária do programa radiofônico “Hora do Brasil”, que iria atravessar os anos como instrumento de propaganda e divulgação das obras do governo. (FAUSTO, 1995, p.376).

Diante do exposto, infere-se que o DIP teve ampla alcance nos diversos setores da sociedade brasileira, utilizando-se de diversas produções culturais para divulgação e legitimação do Estado Novo, mostrando de maneira grandiosa todas as ações dos ministérios no governo federal, criando uma imagem de comprometimento das autoridades com o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Nesta perspectiva, Fausto (2005, p.376) salienta que o Estado Novo “[...] fazia um corte radical entre o velho Brasil desunido, dominado pelo latifúndio e pelas oligarquias, e o Brasil que nasceu com a revolução [...]”. Neste sentido, o novo Brasil apresentado pelo regime do Estado Novo era de um país unido, étnica e culturalmente, apesar das diferenças regionais, a ideia era de unidade de pensamento entre governo e a sociedade brasileira, sendo o primeiro resultado das aspirações da nação.

Uma outra característica e semelhança do Estado Novo com os Regimes ditatoriais da Alemanha nazista e da Itália fascista foram o culto à personalidade do chefe de Estado, a propaganda do regime apresenta Getúlio Vargas como um líder infalível, próximo as massas trabalhadoras, sendo inclusive chamado de “pai dos pobres”. A imagem de Getúlio era cuidadosamente trabalhada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, em meios de comunicação de massa como o rádio e em jornais, como também nos mais diferentes movimentos cívicos, mostrava-se imagens de Getúlio como homem ligado ao povo, um bom político, segundo Molina (1997),

A disseminação do rosto de Getúlio Vargas, personificando o Estado e o regime, era constante, seja através de fotos, cartazes, lemas, dísticos, moedas, selos, placas comemorativas, seja intitular grandes instituições, provas esportivas e logradouros públicos. O mito de Vargas é construído a partir de um múltiplo jogo de imagens que o mostram ora como um homem comum, identificado com o povo, ora como político, realizador de inúmeras reformas na ordem social, ou ainda como verdadeiro líder, investido de dotes especiais. (MOLINA, 1997, p.103-104),

O culto à personalidade de Getúlio dado pela propagação de sua imagem em várias partes do país o mostravam como um conciliador entre as categorias sociais distintas. As narrativas radiofônicas e imagéticas davam conta de um Vargas encarregado de “cuidar” das questões sociais “fornecendo” direitos aos trabalhadores, o que escamoteava as longevas lutas dos movimentos sociais e suas conquistas. A propaganda responsável pela divulgação dos ideais do regime varguista apresenta um forte discurso em torno do nacionalismo e da moral a qual o bom cidadão deveria se orientar, valores ligados ao trabalho, família e a pátria, o que se realizava segundo Molina (1997),

Por meio da afirmação da onipresença unidimensional da pessoa física e simbólica, que é assegurada pelos meios de comunicação, a imagem do chefe ganha contornos a serem copiados e moldados, onde estes ideais, se reproduzem nas infindáveis situações de identificação entre os subalternos e a autoridade do chefe: na intimidade da casa, nos espaços de trabalho e lazer, nas escolas e festas cívicas. (MOLINA, 1997, p.104-105),

Os meios de comunicação a serviço do Estado Novo foram explorados com muita intensidade, assim como a educação, uma vez que os membros do regime perceberam o quanto a educação escolar seria eficiente na formação do cidadão na ideologia do Estado Novo. Nesse contexto, conforme Molina (1997) o discurso nacional-moralista esteve fortemente presente no espaço escolar, veiculado através de livros e lições escolares presentes nas cartilhas, o qual apresentavam gravuras e cenas mostrando comportamentos valorizados pelo governo como a disciplina da juventude, o trabalho e o amor à pátria, etc.<sup>5</sup> Esses materiais escolares eram elaborados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e distribuídos nas escolas fazendo o discurso político varguista ter continuidade e força entre a juventude. Quanto a educação no Estado Novo, Costa *et al.*, (2017) assevera,

A Educação, ou melhor, o sistema educacional naquele período, em sincronia com o projeto de nacionalização compulsória empreendido, contribuiu decisivamente para a construção de novos sentidos de pertencimento à nação. A ideologia do cidadão trabalhador e o discurso acerca da necessária modernização do país ganharam corpo desde cedo. Do ensino primário ao superior, crianças, jovens e adultos foram alvos de uma forte e eficiente propaganda ideológica tecida em

---

<sup>5</sup> Exemplos de cartilhas escolares elaboradas pelo DIP pode-se citar a “Juventude no Estado Novo” disponível no site da FGV CPDOC-Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/GV/impresso/juventude-no-estado-novo-textos-do-presidente-getulio-vargas-extraidos-de-discursos-manifestos-e-entrevistas-a-imprensa-a>. Acesso em: 12 ago.2020.

diálogo com intelectuais atrelados ao projeto nacionalista implantado [...] (COSTA *et al*, 2017 p.260).

A publicidade do regime nas escolas mostra o empenho do Estado Novo em tornar onipresente e hegemônico o ideário proposto pelo regime, no qual os jovens tinham papel crucial. Por isso, a premente necessidade de permear todas os setores sociais e instituições, sejam públicas ou privadas com uma nova identidade nacional. As escolas tornaram-se meios eficientes de construção e legitimação da imagem de Getúlio Vargas como um líder carismático e popular.

A imprensa e propagando durante o Estado Novo através do DIP foi base para a criação no imaginário popular de um líder afável, idôneo e ao lado dos trabalhadores. Vargas era apresentado nos mais diversos meios de comunicação como alguém próximo dos trabalhadores, visto como figura paternal, responsável pela conquista de direitos sociais até então negligenciados pelas oligarquias agrárias. A identificação entre Getúlio e os trabalhadores consolidou uma figura mística, cheia de nobres atributos que unia as diferentes categorias sociais, (MOLINA, 1997).

## 2.2 A Era Vargas: as imagens do Estado Novo e os livros didáticos

O livro didático constitui material essencial para o ensino na contemporaneidade, auxiliando os professores em seu trabalho pedagógico e os alunos no acesso direto aos conteúdos e atividades. Desde os primeiros anos em que se frequenta as instituições escolares, os educandos passam a ter acesso ao Livro Didático, acessando conhecimentos sistematizados e perspectivas acerca da história. Neste sentido Trindade (2019) corrobora ao explicar que:

O Livro Didático é uma ferramenta fundamental no cotidiano escolar para a construção do saber. Possuindo uma linguagem acessível, um formato resumido e um caráter pedagógico, este suporte consegue alcançar diferentes faixas etárias e esferas da sociedade. Não bastasse isso, ele ainda é material de fácil locomoção, permitindo ao aluno estudá-lo em diferentes locais, buscando o conhecimento também fora do ambiente da sala de aula. (TRINDADE, 2019, p.01).

Apesar dos crescentes usos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs,) o livro didático é o principal elemento na formação de alunos do ensino básico, é através deste que se viabiliza a aquisição de saberes produzidos pelas ciências. Neste sentido, o livro de História, enquanto um material de conhecimento específico

traz o desafio dos professores buscarem outros elementos que venham a enriquecer ainda mais os conteúdos presentes, com estratégias que despertem a curiosidade e o uso diário do livro didático, não somente na escola, mas também fora dela. Quanto ao trabalho com o livro didático de História, Trindade (2019) infere que:

[...] é correto afirmarmos que os conteúdos temáticos encontrados nos livros de História, devem ser cuidadosamente trabalhados a partir de conceitos, referencial teórico, linguagem apropriada, além de procurar um enquadramento com as tendências historiográficas da época e, paralelamente, apresentar uma proposta pedagógica que desperte o interesse do aluno. (TRINDADE, 2019, p.02).

É válido afirmar que os conteúdos apresentados nos livros didáticos devem ser analisados cuidadosamente pelos docentes, seja no ensino fundamental ou ensino médio, para que assim o docente possa avaliar o que é necessário para complementar em termos de conteúdo, tendo em vista que muitos livros apresentam conteúdos de forma resumida. É importante que se observe a forma como os assuntos e imagens são apresentados, qual tendência historiográfica o autor tende a enfatizar, se uma abordagem ressaltando figuras ligadas ao Estado, ou representa também categorias marginalizadas ao longo da história.

A utilização de iconografias em livros didáticos para fins pedagógicos é bastante antiga, desde o século XIX os livros os conteúdos dos livros são acompanhados de variados tipos de imagens. Para o contexto pedagógico brasileiro, as imagens são utilizadas com maior amplitude nos livros didáticos de História no começo do século XX, com destaque para os anos em que se vigorou o Estado Novo, as imagens contidas nos livros serviram como elementos de afirmação ideológica do regime, (LIMA, 2019).

As imagens acerca da era Vargas inseridas nos livros didáticos servem de base para a leitura da narrativa sobre a Era Vargas, e de como esses recursos influenciavam a população à época. Compreende-se que as imagens são essenciais para uma leitura sobre o projeto político getulista em vigor, como veiculação do discurso que buscava justificar e legitimar o regime, bem como sua relação com a população brasileira. A doutrina da Era Vargas, veiculada nas imagens, como forma de influenciar comportamentos no contexto em que vigorava, e hoje como elementos iconográficos dispostos nos livros didáticos para compreensão histórica, ainda causam polaridade de opiniões sobre o Estado Novo. Para autores como Molina (1999),

A doutrina do Estado Novo propõe todo o poder necessário ao Estado, visto como única instituição capaz de garantir a coesão nacional e de realizar o bem público, para além dos interesses reais, mas mesquinhos dos indivíduos e dos grupos. Desenvolve, também a crença que somente o homem excepcional, portador de virtude, é capaz de expressar e de construir a nova ordem. Essa doutrina, e suas múltiplas vertentes, mantém semelhanças e distinções com a doutrina fascista, e é a partir dos aspectos comuns, que muitas vezes, o Estado Novo foi identificado com o fascismo. (MOLINA, 1997, p. 99).

Getúlio Vargas foi apresentado no período em questão como um salvador da pátria, sua imagem era constantemente trabalhada pelo DIP, através dos meios de comunicação e educação-por meio do livro didático- o nacionalismo e culto a imagem são elementos que aproximavam o novo regime aos regimes ditatoriais da Alemanha e Itália. Foi durante a Era Vargas que se criou a primeira lei de regulamentação de comercialização e distribuição nacional do livro didático, desta forma Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938 estabeleceu as condições de produção e distribuição dos livros nas escolas pré-primárias, primárias, normais e secundárias em todo o país.

Durante a Era Vargas ocorreram algumas reformas no ensino primário e secundário - Reforma Gustavo Capanema (1942) - o ensino de história passou a ter um caráter de educação política, desta forma os conteúdos dos livros didáticos de História estavam alinhados à ideologia política, seus conteúdos narravam a história dos heróis nacionais, tais como Tiradentes, e feitos importantes na história nacional como a Independência do Brasil. Desta forma, conforme Cecatto e Júnior (2011):

No governo de Getúlio Vargas, destacadamente com o Estado Novo (1937/45), a constituição imagética por meio da fotografia encontrou espaço propício para a representação dos ideais políticos. A legitimação histórica dos regimes nacionalistas através dos produtos culturais foi uma constante na história política desse período, com concepções educacionais marcadas pela formação cívica e moral nas escolas brasileiras. (CECATTO e JÚNIOR, 2011, p.06).

A análise do discurso sobre a Era Vargas deve ser feita de forma minuciosa considerando o tradicionalismo quanto a abordagem deste período no livro didático, muitas vezes discutida de forma fragmentada. As imagens produzidas durante o Estado Novo mostram a representação de um contexto em que o Estado se mostrava como uma organização absoluta, única capaz de possibilitar ordenamento social, frente aos conflitos de classe.

A imagem de Getúlio Vargas personificava os ideais de uma nação modernizada, coesa, apesar das diferenças e desigualdades, era o trabalho que tornava os homens iguais, a educação através dos manuais escolares e livros didáticos deveriam formar a consciência do cidadão trabalhador, Ceccato e Junior (2011) destacam que:

[...] Os manuais escolares difundiam as idéias políticas com textos e imagens com a função de “formar a consciência cívica do cidadão trabalhador, moldá-lo de modo a transformá-lo em uma barreira eficaz às ameaças ao regime” (FONSECA, 2006, p.80). Além da retomada de iconografias voltadas para datas cívicas, como o caso de Tiradentes, Vargas soube usar a própria imagem para implantar sua proposta política. (CECATTO e JÚNIOR, 2011, p.06).

Para a formação nacional e manutenção dos ideais getulistas, o ensino tornou-se um elemento fundamental para o desenvolvimento do Brasil, o que foi motivo de reformas, tais como a reforma de Francisco Campos (1930 – 1932) e Gustavo Capanema (1942), o que resultou em uma expansão do sistema de ensino público, com destaque para o ensino primário.

Apesar da centralização político-administrativa no âmbito do governo federal, a educação passou a ser defendida como um mecanismo de modernização do Brasil, sendo necessário a instrução da população brasileira como processo civilizatório, como também elemento de criação da identidade nacional em construção, a escola e portanto os livros didáticos e a divulgação das imagens estiveram alinhados a política estado-novista, na padronização de comportamentos, ao se reportar quanto ao papel da escola neste processo, Souza (2014, p.399) explica que “[...] as técnicas de reprodutibilidade das imagens nesse espaço tiveram a função de divulgar, generalizar, uniformizar, habituar e manter os sentidos em alerta constante e, portanto, ligá-los, condicioná-los ao sistema de controle político-social.”

### 2.3 Conteúdo e imagens: uma análise do Livro Didático

Nesta sessão será feita análise de conteúdo e de algumas imagens referentes a Era Vargas, contidas no Livro Didático da coleção “#Contato História” de autoria de Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg. Editado pela editora Quinteto, sendo este a 1ª edição, para a utilização, conforme o PNLD (Programa Nacional do Livro



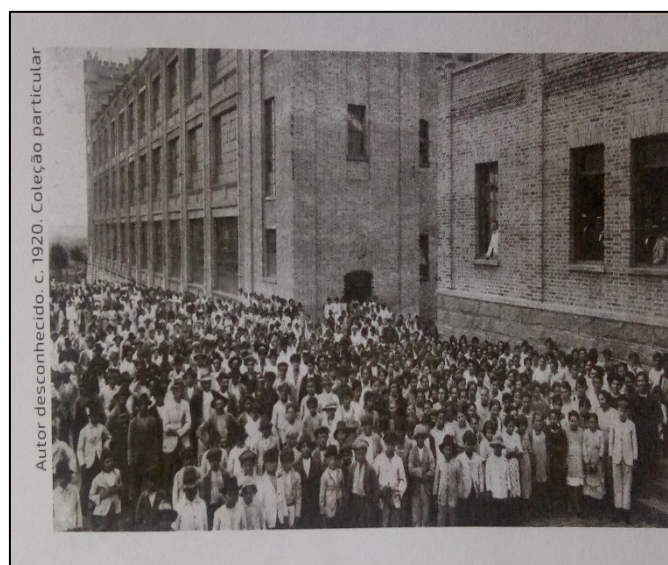
Didático) nos anos de 2018, 2019, 2020. O livro #Contato História tem seu conteúdo dividido em 12 Unidades, sendo abordado a Era Vargas na unidade 5 (cinco), páginas 103 a 119, ao longo do capítulo existem 21 (vinte e uma) imagens que acompanham os textos. A unidade está subdividida em subitens como: “A sociedade brasileira na década de 1920”; “O fim da primeira República”; A Era Vargas”; “O Estado Novo”; “A Era do Rádio”.

Na unidade sobre a Era Vargas, os autores Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg propõem abordar as principais características do referido período, que segundo os mesmos foi “[...] dominado pela figura do presidente Getúlio Vargas, que ficou conhecido popularmente como “o pai dos pobres”, (PELLEGRINI *et all*, 2016, p.103). Nota-se que os autores, apesar de intitularem Getúlio Vargas como presidente da república, destacam também que este distanciava-se da democracia com ações autoritárias, o que denota uma figura ambígua, uma mescla de estadista “generoso” com as categorias populares e líder autoritário e repressor de movimentos sociais e sindicatos.

Na seção intitulada “A sociedade brasileira na década de 1920” os autores apresentam o contexto político, social e econômico do Brasil daquele momento, como a política nacional sob domínio das oligarquias agrárias que sustentavam uma economia agroexportadora, o que desagradava outros grupos sociais, como a nascente burguesia industrial. Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg apresentam as categorias sociais da época, caracterizando suas condições na estrutura social, com imagens do tipo fotografias que retratam cada um desses grupos, (ver figuras 01,02 e 03 abaixo).



**Figura 01:** Imagem do tipo foto retratando a classe média em 1921 em São Paulo (SP).  
 fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.104)



**Figura 02:** Iconografia que apresenta a legenda como: operários em frente a uma fábrica de tecidos na cidade de Salto (SP), por volta de 1920.  
 fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.104)



**Figura 03:** Fotografia de trabalhadores da construção civil no Rio de Janeiro (RJ) em 1920.  
 fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.104)

As imagens são dispostas ante os textos ordenando a apresentação por categoria social, todas apresentando legendas, com informações acerca da localização do registro, qual grupo social mostra e uma breve explicação sobre as condições sociopolíticas e econômicas dos mesmos em pequenos textos. No entanto, não há nas imagens, ou mesmo nos conteúdos, questionamentos relevantes para a

construção da criticidade dos educandos, o que poderia ser bem explorado pelas iconografias mostradas, tendo em vista que são em número significativo em cada parte dos conteúdos textuais, assim como não há uma análise iconográfica.

O tópico seguinte, nomeado como “O fim da Primeira República” os autores trazem uma discussão acerca dos movimentos desencadeados na década de 1920, destacando-se o descontentamento das camadas sociais insatisfeitas com a política dominada pelas Oligarquias agrárias cafeeiras. Entre os grupos insatisfeitos encontravam-se os militares, especialmente membros do baixo oficialato, o que resultou em um movimento chamado Tenentismo, entre as revoltas os autores destacam uma imagem (fotografia) referente a Revolta do Forte de Copacabana (ver figura 04), a qual fazem uma sucinta descrição do lugar, das pessoas que aparecem e a circunstância na qual foi registrada, mas não dá detalhes do fato em questão no conteúdo sobre o tenentismo, o que torna a iconografia somente ilustrativa, apresentando apenas um pequeno quadro com explicação sobre a Coluna Prestes.



**Figura 04:** Fotografia de participantes da Revolta dos 18 do Forte, ocorrida no Rio de Janeiro, da esquerda para direita, aparecem os tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Nilton Prado e o civil Otávio Correia.

fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.106)

Nos tópicos “A República Oligárquica em Crise” e “Aliança Liberal toma o poder” os autores discutem o contexto da eleição presidencial de 1929, destacando as cisões entre os grupos oligárquicos e a formação de outros, mas sem, no entanto, detalhar o esquema político da chamada “Política do Café com Leite” que mantinha no poder mineiros e paulistas. Colocam que neste momento houve um desentendimento entre as oligarquias paulista e mineira, uma vez que “Os mineiros

esperavam a indicação do seu governador, Antônio Marcos, como candidato à presidência da República. O presidente Washington Luís, porém, indicou Júlio Prestes, governador de São Paulo, como candidato oficial” Pellegrini *et al* (2016, p.107).

Por conta dos fatos supracitados, houve uma aliança entre os grupos políticos de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, formando a Aliança Liberal, lançando a candidatura à presidência da República de Getúlio Vargas, tendo como vice o paraibano João Pessoa. O pleito eleitoral teve como resultado a vitória de Júlio Prestes- o candidato do lado governista- o que gerou muitos protestos e insatisfação. Pouco tempo depois João Pessoa foi assassinado, sem motivos de ordem política, mas serviu de estopim para início da denominada Revolução de 1930, a qual Vargas chegou ao poder.



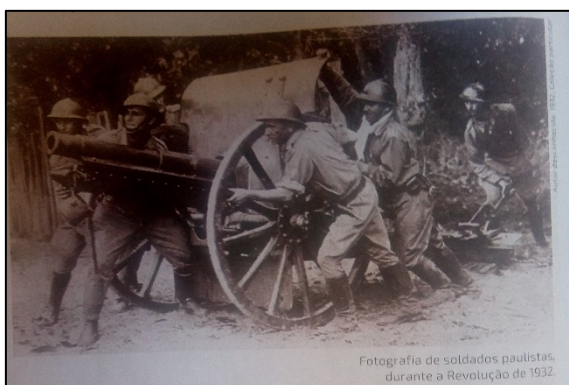
**Figura 05:** Fotografia que mostra Getúlio Vargas no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro (RJ), dias antes de tomar posse do Governo Provisório, em 1930.

fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.107)

Os fatos mencionados acima foram explicados de forma resumida em duas seções, para este conteúdo é apresentada apenas uma iconografia, (figura 05) que mostra Getúlio Vargas no Palácio do Catete, o mesmo encontra-se ao lado de outros homens e mulheres, uma pessoa exibe uma bandeira do Brasil ao lado de Getúlio, que encontra-se uniformizado, o que simbolizou a aliança de Vargas aos militares “revolucionários”. A legenda na imagem não traz muitos detalhes, não informa quem são as outras pessoas ao lado de Getúlio, ou se tiveram algum papel importante na Revolução de 1930.

A seção seguinte tem como título a “Era Vargas,” no qual Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg explicam resumidamente o processo de tomada de poder e as transformações nas instituições governamentais, os autores explicam que “Ao assumir o poder, Getúlio Vargas iniciou um processo de centralização política, suspendendo a Constituição, além de fechar o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas estaduais e as Câmaras municipais.” Pellegrini *et al* (2016, p.108).

A seção posterior “A campanha Constitucionalista” discute-se a união das lideranças políticas de São Paulo em 1932, que insatisfeitas com as políticas de Vargas, formaram a Frente Única Paulista, a qual exigia uma nova Constituição e a normalidade democrática do funcionamento das instituições, este movimento ficou conhecido como Revolução Constitucionalista. Para este conteúdo os autores apresentam duas imagens, figuras 06 e 07, uma fotografia e um cartaz referente a Revolução Constitucionalista.



**Figura 06:** Fotografia de soldados paulistas, durante a Revolução de 1932.  
Fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.108)



**Figura 07:** Cartaz da Revolução de 1932.  
Fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.108)

Na figura 06 do tipo fotografia retrata soldados paulistas em posição de combate, conduzindo um equipamento militar, a outra iconografia, figura 07, trata-se de um cartaz, neste aparecem jovens soldados enfileirados, com plano de fundo com as bandeiras do Brasil e de São Paulo a tremular, no cartaz há palavras convocando pessoas para alistar-se as fileiras dos revolucionários paulistas, clamando: “Elles estão à sua espera, para completar o batalhão, aliste-se”. A campanha paulista durou cerca de três meses, sendo derrotada pelas tropas federais, mas o objetivo dos revolucionários paulistas foi atingido, a elaboração de uma nova Constituição Federal, que foi promulgada em 1934.

Os tópicos seguintes intitulados “O movimento operário no Brasil”, “O fortalecimento do comunismo no Brasil” e “O levante comunista de 1935” nos quais os

autores discutem a organização dos trabalhadores nas chamadas ligas operárias, o que deu origem aos primeiros sindicatos brasileiros. Explicam também a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) fundado em Niterói em 1922, com inspiração no comunismo soviético, logo sua atuação tornou-se ilegal no país, passando a atuar na clandestinidade, até seus membros se unirem a diversos grupos políticos contrários ao fascismo, formando a Aliança Nacional Libertadora (ANL). No Brasil também foi organizado por Plínio Salgado um partido de inspiração fascista, conhecido como Integralismo, seus membros eram nacionalistas, antissocialistas e antiliberais. No ano de 1935, o governo de Vargas decreta a ilegalidade da ANL, o que desencadeou um movimento revolucionário, tomando a cidade de Natal (RN) no mesmo ano, mas em pouco tempo o que ficou conhecido como Levante Comunista foi derrotado pelas tropas do governo, tendo seus líderes todos presos (ver figura 08).



**Figura 08:** Integrantes do Partido Comunista Brasileiro presos durante o Levante Comunista de 1936.

Fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.109)

Para os tópicos apontados acima, há apenas uma iconografia alusiva aos conteúdos, uma foto (figura 08), que mostra membros do partido comunista presos, a qual não há muitas informações, como quem são os indivíduos retratados, nomes, qual o ano em que foi registrada, e qual o local (cidade, estado) em que estão presos. Chama a atenção que a maioria dos membros do grupo apresentado na imagem fazem um gesto com os braços e a mão em punho, simbolizando a luta do movimento.

A seção seguinte “O Estado Novo” Pellegrini *et al* (2016) explica a instauração do Estado Novo, como sendo resultado de articulações políticas de Getúlio, aproveitando-se da “ameaça comunista” e de um suposto plano de implantação do comunismo no Brasil, conhecido como Plano Cohen, em 1937, Vargas, conforme Pellegrini *et al*, (2016, p.110) “[...] aplicou um golpe político com o apoio dos militares e de vários políticos influentes, dando início a um governo autoritário que ficou conhecido como Estado Novo”. Getúlio suspende a constituição de 1934 e é

outorgado uma nova Constituição, apelidada de Polaca, assemelhava-se a constituições de governos fascistas, como da Itália. Para este conteúdo, é posta uma imagem, fotografia, (ver figura 09) de Getúlio Vargas fazendo um discurso pela rádio anunciando a instauração do novo regime.



**Figura 09:** Pela Rádio, Getúlio Vargas anuncia a implantação do Estado Novo. Fotografia tirada no dia 10 de novembro de 1937, no Rio de Janeiro (RJ).

Fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.110)

A imagem acima de Getúlio Vargas anunciando pelo rádio o novo governo, foi tirada no dia 10 de novembro de 1937, ano em que foi realizado o golpe político que manteve Vargas até 1945 no controle do país. Apesar de haver na imagem descrição de algumas informações como o ano, local e personagem (Vargas) destacado na iconografia, a imagem não dispõe de maiores informações, como quem são as outras pessoas que aparecem na imagem, como estão representadas, a fotografia não é nem mesmo mencionada no texto que discute o Estado Novo, a falta de alguns dados coloca a imagem como apenas uma ilustração diante do texto.

Nos tópicos seguintes “repressão política e “controle dos sindicatos” Pellegrini *et al*, (2016), explica os mecanismos adotados no Estado Novo para o controle social, destacando a violência da polícia política e da propaganda através dos meios de comunicação e a censura. Para doutrinação ideológica, o regime estrutura o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela imagem de Vargas e, portanto, do Estado Novo. Assim, conforme” Pellegrini *et al*, (2016, p.111), “No

campo ideológico, a censura e propaganda foram importantes para o governo construir e divulgar a imagem do país como uma “unidade nacional [...]”.



**Figura 10:** Cartaz produzido pelo DIP, em 1944.

Fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.111)



**Figura 11:** Cartaz produzido pelo DIP, em 1940, exaltando a figura de Vargas.

Fonte: Pellegrini *et al* (2016, p.111)

As iconografias acima, dois cartazes, figura 10 e 11, retirada do livro didático # Contato História foram produzidos na década de 1940 pelo DIP, e destacam a figura de Getúlio Vargas. Na figura 10, exige um cartaz com tema relacionado ao trabalho, nota-se em plano de fundo o rosto de Vargas, em tamanho superior um grupo de pessoas enfileiradas a marchar, simbolizando seu poder sobre toda a nação, estes representam diferentes categorias sociais, militares, civis, trabalhadores urbanos, entre outros, nota-se que estes carregam uma faixa com a data de 10 de novembro, ilustrativa do dia em que foi instaurado o Estado Novo. Na composição do cartaz há uma frase alusiva a importância do trabalho para crescimento e renovação do país, lê-se que “por ínfimo que seja no presente, o trabalho de cada brasileiro em bem da coletividade apressará o renovoamento do futuro”. Para a este cartaz, curiosamente no livro didático existem alguns questionamentos que ajudam em sua leitura iconográfica, ao lado é posto: a) Descreva o cartaz. Como foi representado Getúlio Vargas? b) Que outras pessoas aparecem no cartaz? Como elas foram representadas? (PELLEGRINI *et al* 2016, p.111)

O segundo cartaz, figura 11, exibe o rosto de Getúlio Vargas em tamanho grande, com os anos de 1930 a 1940, celebrando-se dez anos em que Getúlio Vargas dirige o país, percebe-se que se coloca o ano de 1930, que foi o marco da Revolução



em que conduziu Getúlio ao poder. No cartaz tem a seguinte frase “Ao celebrar-se o decênio do governo do PRESIDENTE GETULIO VARGAS, cada um de nós tem a consciência de ter crescido mais: como Povo, como Cidadão, como Brasileiro. Na frase é destacado as palavras “presidente Getúlio Vargas”, dando legitimidade democrática ao Estado Novo.

A propaganda teve grande importância durante o Estado Novo, o DIP buscou controlar toda a produção cultural no país, divulgando as políticas sociais do regime. Houve neste período uma grande valorização do trabalho, como meio de engrandecimento do país, Vargas assegurou através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) direitos as categorias trabalhistas, tais como salário mínimo, férias remuneradas, pagamentos de horas extras, jornada de oito horas diárias etc. A propaganda fortaleceu a imagem de Getúlio como protetor dos trabalhadores, sendo produzidos diversos cartazes que o enalteciam como líder, muitos o mostravam ao lado dos trabalhadores.

\*\*\*

A leitura do contexto dessas imagens do livro didático permite vislumbrar os desafios do professor(a) na utilização do arsenal discursivo varguista como recurso didático, observando-o de um ponto de vista crítico e contextualizado. O alcance desse exercício analítico e pedagógico pode ser observado através do estudo da recepção dos conteúdos pelos estudantes, que compõem suas próprias leituras das imagens com base na análise do livro e nas explicações do(a) professor(a) de História. Portanto, entende-se os alunos como partícipes ativos do processo de ensino-aprendizagem, posto que suas leituras também devem ser levadas em consideração para a compreensão da eficácia do uso da iconografia como linguagem em sala de aula.

## **CAPÍTULO 3**

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### 3.1 Caracterização do local de estudo

A escola Centro de Ensino Colares Moreira localiza-se no centro da cidade de Codó-Ma, em frente à biblioteca municipal, na praça Alcebíades Silva, nº 1780. A instituição está vinculada à Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), funcionando nos três turnos - matutino, vespertino e noturno - atendendo estudantes do ensino médio regular. Foi fundada no ano de 1934, sendo uma das escolas públicas mais antigas da cidade. Conforme o último Projeto Político Pedagógico (2017) da instituição, ao longo do tempo a escola passou por diversas nomenclaturas, sendo o nome atual uma homenagem ao empresário e político maranhense Colares Moreira<sup>6</sup>. A escola possui uma área de 4.200 m<sup>2</sup> com espaços para diretoria, secretaria, sala dos professores, oito salas de aulas, sala de informática (com quinze computadores), laboratório de química, biblioteca, auditório, quadra poliesportiva para prática de atividades físicas e culturais dos alunos, cantina, refeitório e banheiros.

Quanto ao quadro de docentes a escola conta com 51 professores entre efetivos e contratados, com formações diversas em suas respectivas áreas de atuação, tendo três professores o nível de mestrado. De acordo com o PPP (2017) os discentes estão mais concentrados no turno diurno que no noturno. Os alunos perfazem um panorama social heterogêneo do ponto de vista cultural e social, há estudantes de classe média, média baixa e em sua maioria de classe baixa, com renda de até um salário mínimo. Entre os seus 780 discentes, há aqueles com aproveitamento regular no processo de aprendizagem, contrastando com muitos que apresentam problemas, parte do grave quadro ainda existente de analfabetismo funcional e evasão escolar (PPP, 2017).

---

<sup>6</sup> O Centro de Ensino Colares Moreira foi inaugurado no dia 07 de março de 1934, com a nomenclatura de Grupo Escolar Colares Moreira. Surgiu da junção de três escolas municipais: César Brandão, Ferreira Bayma e Urbano Santos, nesta época com (153) cento e cinquenta e três alunos e (05) professoras. Teve como primeira Diretora a professora normalista Filomena Catarina Moreira. (PPP, 2017, p.10)



**Figura 12:** Fotografia da escola Centro de Ensino Colares Moreira.  
Fonte: Arquivos do próprio autor, 2020.

Na condição de escola da rede pública estadual de ensino, os livros didáticos utilizados pelos(as) professores(as) e educandos são oriundos do MEC (Ministério da Educação e Cultura), distribuídos por meio do Programa Nacional do Livro Didático. No que se refere aos conteúdos e as imagens, como já apontado neste estudo, o Guia de Livros Didáticos de História do Ensino Médio (2018) exige que haja coerência entre os textos e as imagens, e, portanto, que estas sejam contextualizadas, (PNLD, 2018).

### 3.2 O uso das imagens do Livro Didático no ensino de História no Centro de Ensino Colares Moreira

Como maneira de compreender as formas de abordagem das iconografias pelo(a) professor(a) e o entendimento dos educandos sobre as iconografias presentes no livro didático foram direcionadas algumas perguntas, por meio de questionário para os alunos do 3º ano A, turno matutino do Ensino Médio. A turma apresenta um quantitativo de 42 (quarenta e dois) alunos, no entanto, apenas 08 (oito) responderam ao questionário aplicado, o que correspondeu a 19% dos estudantes. Neste estudo, os educandos serão identificados com as nomeclaturas “A1”, “A2”, “A3”, “A4”, “A5”, “A6”, “A7” e “A8” .

A primeira pergunta direcionada aos estudantes foi a seguinte: considerando as imagens (fotos, figuras, gravuras, pinturas) presentes em seu livro didático de História, estas ajudam você a compreender melhor os conteúdos? De que forma?. Em resposta a este questionamento o aluno identificado como “A1” respondeu que *“sim, me faz compreender melhor o que está sendo explicado”*, em resposta ao mesmo questionamento o aluno “A8” respondeu *“sim, esses recursos visuais ajudam na memorização dos textos, chama mais atenção, estimula o imaginário e as imagens ficam mais frescas na memória do que a maioria dos textos”*. O estudante “A7” respondeu *“sim, elas ajudam a ter um melhor entendimento do assunto que está sendo trabalhado.”* O educando “A3” respondeu que *“eu aprendo mais com vídeo-aula ilustrativa, com o professor explicando”*.

Tendo em vista as respostas elencadas acima, ressalta-se a importância das imagens para o aprendizado dos educandos, como apontado neste estudo, Litz (2009) assevera que as imagens ajudam no processo de ensino-aprendizagem, como importantes recursos pedagógicos. Assim, para a referida autora devem ser utilizados os diferentes meios imagéticos, tais como fotografias, pinturas, quadrinhos, vídeos, documentários, o que desperta o interesse e facilita a aprendizagem dos educandos, o que atesta a resposta do estudante “A3” ao relatar que aprende mais com vídeo-aula associada com as explicações dos professores.

Interessante observar o que relata o estudante “A8” ao se reportar sobre os benefícios das imagens, o que segundo o mesmo, *“ajudam na memorização dos textos”*, a medida que os recursos visuais ficam mais fixados na memória do que alguns textos. Amorim e Silva (2016) apontam que os documentos visuais trazem múltiplas vantagens para os educandos como a capacidade de discernir aspectos de determinados períodos históricos, ajudando-os a interpretar fatos com criticidade e autonomia.

Gomes (2016) corrobora ao explicar que tornou-se fundamental interpretar as imagens no contexto educacional, tendo em vista que vivemos em uma sociedade marcada pela uso intenso de imagens, com destaque para os meios de comunicação, como a internet, ferramenta presente na vida de muitos estudantes. Estas ajudam ainda no entendimento dos alunos no ensino de história, como pode-se observar no relato do educando identificado como “A7”.

O segundo questionamento foi: Com relação as aulas de História, seu professor(a) explica os conteúdos fazendo uso das imagens? como é feita esta

discussão?. Para esta pergunta, o aluno(a) “A1” relatou que *“sim, a discussão é feita com as imagens que ela mostra, abrindo mais o conhecimento”*, um outro estudante, “A2” responde que *“sim, torna-se mais fácil quando tem o uso das imagens, é pedido o significado, os elementos das imagens”*. Outro, “A6”, relata que *“algumas vezes sim. Ela mostra as imagens do assunto tratado e fala sobre ele.”* O educando “A7” relata que *“sim, observando as imagens e lendo o conteúdo em um slide. Para entender de forma clara do que se trata.”* O educando “A8” afirma que *“sim, a professora nos incita a fazer a leitura das imagens”*.

As respostas dadas à segunda pergunta indicam que há abordagem iconográfica no ensino de História na escola Centro de Ensino Colares Moreira, o que mostra a resposta dado pelos educandos “A1” ao expressar que as discussões são feitas mostrando as imagens, e o educando “A8” ao descrever que o professor(a) incita-os a fazer a leitura das imagens. Percebe-se também, que o docente da disciplina de História utiliza variados recursos para execução das aulas e para o trabalho das iconografias, o que assinala aluno “A7” ao reponder que o professor faz observações das imagens utilizando slides.

Ainda com relação ao segundo questionamento, chama a atenção o que relatou o estudante “A2” ao afirmar que o professor(a) ao fazer uso das imagens trabalha os elementos e significados das imagens, o que torna evidente que o professor busca analisar os recursos imagéticos juntos aos alunos a partir de uma perspectiva da iconografia. O que vai de encontro ao que inferem os autores Barbosa e Galvão (2018) ao explicarem que as imagens tem um grande potencial didático, e que o educador(a) deve ter um olhar crítico em relação ao material visual, observando seus elementos, questionando, buscando seus significados e interpretação.

Litz (2009) corrobora ao explicar que para a compreensão das imagens é necessária uma abordagem teórica, tendo como parâmetro a iconografia, considerando também as dificuldades dos educandos, buscando metodologias que proporcionem a aprendizagem. Desta forma, os professores devem incorporar a seus planos de aulas a análise das iconografias presentes no livro didático, uma vez que estes documentos visuais carecem de uma minuciosa verificação de seus significados e simbolismos.

Muitos autores abordados neste estudo indicam métodos de abordagem dos documentos visuais como fonte. O historiador Marc Bloch já alertava para a importância de ter-se um olhar crítico para as imagens, “interrogando-as”. Desta

forma, entende-se que é relevante a forma pela qual o educador(a) da escola Centro de Ensino Colares Moreira vem conduzindo as análises iconográficas das imagens do livro didático nas aulas de história, tendo em vista o relato do educando “A6” ao expressar que durante as aulas são mostradas e comentadas as imagens referentes aos seus respectivos conteúdos.

Tendo em vista o exposto acima, Litz (2009) chama a atenção ao frisar que os professores precisam fazer um estudo a parte das imagens presentes no livro didático, - uma vez que nem todos apresentam análises das iconografias - para o conhecimento de suas características, informações sobre as obras, tais como biografia dos autores, contexto histórico em que viveram, quais as técnicas que utilizavam em suas obras, sejam pinturas, gravuras, charges, filmes documentários, etc. Para a autora estas informações são importantes na discussão das condições nas quais as imagens foram criadas, e quais os seus significados para a sociedade em que foi elaborada. Autores como Barbosa e Galvão (2018) também discutem formas de abordagens das imagens, para os autores é necessário fazer questionamentos como quem os produziu? Por que foi produzido? Quais os impactos em produções em momentos posteriores?.

O terceiro quesito perguntado foi: Em sua opinião, é importante trabalhar as imagens em sala de aula? Por que? O educando “A1” explica que “*É importante trabalhar com as imagens, para entender e mostrar melhor o que ela está querendo dizer e como era em tempos atrás*”, o estudante “A2” respondeu “*sim, para melhor compreensão dos alunos em sala de aula*”. O aluno “A3” relatou “*porque nos ajuda a prender à atenção e fazemos a ligação das imagens as perguntas[...]*”.

Em resposta a mesma pergunta acima, o aluno “A4” afirmou que “*sim, porque quando o professor faz uma explicação mostrando imagens a aula fica ainda mais interessante, e se torna mais fácil de aprender*”. O estudante “A5” explicou “*É importante sim, porque os alunos ficam mais atentos nas aulas, e não fica tanto repetitivo só ter que escrever, precisamos de imagens para reforçar, levar vídeos, filmes, ajuda muito*. Um outro estudante, “A8” respondeu que “*sim, porque elas ajudam na interpretação de textos e atividades, acho ainda que a utilização dos recursos visuais tornam as aulas mais dinâmicas e interessantes*”.

As respostas dadas à terceira pergunta confirmam a relevância das imagens no contexto escolar, os educando reconhecem que as imagens ajudam a entenderem melhor os conteúdos trabalhados na disciplina História, destaca-se a resposta do

educando “A4” e “A5”, ao expressarem que as aulas ficam mais interessantes e prendem mais atenção, não se restringindo apenas a escrita, o que segundo o “A5” fica repetitivo, o mesmo reforça que é interessante levar vídeos e filmes como forma de torna as aulas mais completas. Conforme Leão e Rodrigues (2013) as imagens facilitam o processo de compreensão dos conteúdos de História, que o professor ao utilizar as imagens em sala de aula quebra com a monotonia da leitura massiva dos textos, além de serem atrativas por conta de sua comunicabilidade visual, os estudantes podem compreender as propriedades comunicativas destas imagens, com o devido acompanhamento do professor

Amorim e Silva (2016) inferem que as imagens utilizadas no contexto educacional ampliam as possibilidades de saberes, para as aulas de história, por exemplo, não se reduzem ao conhecimento do passado, mas também na formação de cidadãos autônomos e críticos acerca da realidade. Ressalta-se o relato do estudante “A8”, ao inferir, em resposta à terceira pergunta que as imagens “ajudam na interpretação de textos”; “tornam as aulas mais dinâmicas e interessantes”, benefícios já tratados neste trabalho, as imagens tem um grande potencial no despertar de curiosidades e interesses em entendê-las.

E por fim, a última pergunta direcionada aos estudantes foi: Observando as imagens de seu livro didático de História, a partir delas você saberia identificar algum período da história, sem necessariamente ler algum conteúdo relativo a elas? Justifique. Em resposta a essa pergunta o estudante “A1” relata *“Em algumas imagens conhecidas da para saber o período em que estiver. Tem algumas delas que marcam a memória com acontecimentos”*. O aluno “A2” explicou que *“Em algumas sim. Porque já foi estudado diversos períodos que são bastantes conhecidos os conteúdos que os professores explicaram, dando de identificar melhor sem um texto.”* Um outro estudante, “A6”, respondeu que *“talvez sim, pois alguns assuntos, mesmo mostrando ilustração ou a imagem, eu precisaria de explicação do professor para compreender melhor”*. O aluno “A7” relatou *“sim, seria possível, dependendo de qual assunto seria transmitido pela imagem.”*

Em resposta ao questionamento acima, tem-se respostas que indicam as perspectivas e entendimentos dos estudantes acerca das imagens do livro didático de História. É válido evidenciar que durante a vida escolar os estudantes estão em constante contato com imagens nos livros didáticos, o que torna as imagens relacionadas a alguns períodos bem conhecidas pelos estudantes, mas que não por

isso seja dispensável uma análise iconográfica, mas é um fator que viabiliza uma melhor compreensão dos estudantes.

Conforme os relatos dos estudantes, algumas imagens são passíveis de identificar a que períodos são referentes, o estudante “A1” ratifica ao relatar que algumas imagens torna-se viável identificar o período histórico inerente, por marcarem a memória . Um outro aluno ainda relata que torna fácil a identificação de imagens dos conteúdos já estudados durante a vida escolar, sendo possível identificar imagens relacionadas aos conteúdos vistos.

Observa-se um certo relativismo nas respostas para a pergunta quatro, uma vez que os alunos como o “A2” e “A6” responderam que “em algumas sim” , ou que “talvez sim”, o que aponta para duas observações, a primeira relacionada ao livro didático, que em muitas imagens não apresentam uma adequada abordagem iconográfica para dadas imagens, outra para a prática docente, essencial para a análise de documentos visuais mais complexos, em que os alunos carecem de auxílio do professor para seu escrutínio, o que é ratificado pelo aluno “A6” ao expressar que diante alguns assuntos precisaria da explicação do(a) professor(a) para melhor compreender.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível compreender a relevância do uso pedagógico das imagens no ensino da disciplina História, tendo em vista que estas são fontes para a produção historiográfica e apresentam múltiplas possibilidades de trabalho no contexto pedagógico. Para uma abordagem significativa das imagens em sala de aula, especialmente no ensino de história, a iconografia apresenta-se como método necessário, o que exige que os educadores busquem conhecê-lo e aplicá-lo no cotidiano escolar.

Com a análise das iconografias do livro didático #contato História referentes a Era Vargas foi possível verificar, em âmbito geral, que nem todas as imagens apresentam uma abordagem iconográfica incompleta, uma vez que muitas destas não possuem informações precisas relacionadas a sua produção e finalidade, bem como dados que possam melhor caracteriza-las. O que mostra a necessidade de os professores buscarem conhecimentos que ajudem a melhor explorar os documentos visuais presentes nos livros didáticos, considerando o grande potencial pedagógico destes.

A análise dos questionários mostrou que o(a) professor(a) da disciplina História da escola Centro de Ensino Colares Moreira esforça-se para fazer uma abordagem iconográfica das imagens presentes no livro didático, e que leva diferentes elementos imagéticos para a sala de aula, como vídeos, filmes, faz projeção em slides. Os educandos afirmam que o(a) professor(a) analisa os elementos constitutivos das imagens buscando seus significados e interpretação, o que é fundamental para a construção de saberes que tornem os educandos mais observadores e críticos em relação as imagens. Através dos relatos observou-se também que os educandos compreendem e valorizam os documentos visuais no seu processo de aprendizagem, uma vez que os conteúdos de história se tornam mais significativos quando são acompanhados de documentos visuais.

Diante das diversas questões levantadas neste estudo, compreende-se que a análise iconográfica das imagens é fundamental no ensino de História, sejam as presentes no livro didático ou as que os educadores levarem para sala de aula, bem como os vários recursos relacionados as imagens, como vídeos, documentários,

fotografias, entre outros. As práticas pedagógicas intercaladas pelas imagens necessitam de um estudo profundo das imagens, bem como os aspectos metodológicos pertinentes as abordagens, considerando sempre o contexto e ritmo de aprendizagem dos educandos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Roseane Maria de; SILVA, Cintia Gomes da. O USO DAS IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA: reflexão sobre o uso e a interpretação das imagens dos povos indígenas. **História& Ensino**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 165-187, jul./dez. 2016. Disponível

em:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/26263/20301>

Acesso em: 08 Jul.2020.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938**. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Disponível em:

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei Nº 1.949, de 30 de dezembro de 1939**. Dispõe sobre o exercício de atividades de imprensa e propaganda no território nacional e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De1949.htm#:~:text=DECRETA%3A,normas%20tra%C3%A7adas%20neste%20decreto%2Dlei](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De1949.htm#:~:text=DECRETA%3A,normas%20tra%C3%A7adas%20neste%20decreto%2Dlei). Acesso em: 20 ago.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **PNLD 2018:história-Guia de livros didáticos- Ensino Médio**.108p. Secretaria de educação básica-SEB-Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/item/11148-guia-pnld-2018>. Acesso em: 20 jun.2020.

BERNARDO, Jadson da Silva. O fim “melancólico” da “República do Café com Leite” (1922-1930). **DAS AMAZÔNIAS**, Rio Branco – Acre, v.2, n.1, (jan-jul) 2019, p. 17-30. Disponível

em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1DVW26\\_dBPUJ:https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/download/3065/1871/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1DVW26_dBPUJ:https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/download/3065/1871/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). 26 ago.2020.

BOECKEL, Cristina Reis. **História e propaganda política: a construção da imagem de Getúlio Vargas (1930 – 1945)**. 2005 - 95 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda), Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro / ECO – UFRJ, 2005. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/879/1/CBoeckel.pdf>. Acesso em: 14 jul.2020.

BORIS, Fausto. **História do Brasil**. 2ª edição. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1995.

BARBOSA, Maxsuel Pereira; GALVÃO, Renata Silva de Oliveira. Texto fotográfico e ensino de História: o uso da iconografia na compreensão de uma temporalidade. **Revista FACISA ON-LINE**. Barra do Garças -MT, vol.7, n.2, p. 17- 29, jul.-dez. 2018. (ISSN 2238-8524). Disponível em: <http://periodicos.unicathedral.edu.br/revistafacisa/article/view/317/187>. Acesso em: 24 jun.2020.

BLOCH, marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia.-ed.-São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica:** para uso dos estudantes universitários. 3.ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COSTA, Miguel Ângelo Silva da *et al*.,. Cartilhas escolares e doutrinação infantil no contexto do Estado Novo (1937-1945). **Educação Unisinos** 21(2):252-264, maio/agosto 2017 Unisinos - doi: 10.4013/edu.2017.212.14. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Tflp4WspZ4MJ:revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/download/edu.2017.212.14/6116+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 jul.2020.

CECATTO, Adriano; JUNIOR, Antônio Germano Magalhães. **A iconografia e o ensino de história:** potencialidades e possibilidades. 2011. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7EXEkjldZJYJ:www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20870+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 25 jul.2020.

SEDUC-MA - (Secretaria de Educação do Estado do Maranhão).**PPP- Projeto Político Pedagógico.** Centro de ensino Colares Moreira, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior.** Coordenação: Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos, Ed. Positivo, Curitiba, 2005.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário da língua portuguesa.** Org. Ubiratn Rosa, Ed. FTD, São Paulo, 2006.

MOLINA, Ana Heloísa. Fenômeno Getúlio Vargas: Estado, discursos e propagandas. **Hist. Ensino**, Londrina, V.3, p.95-112, abr.1997. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12697/11058>. Acesso em:02 ago.2020.

OLIM, Bárbara Barros de. Imagens em livros didáticos de História das séries iniciais: Uma análise comparativa e avaliadora. Outros Tempos-Volume 7, número 10, dezembro de 2010 - Dossiê História e Educação. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LexhX4B\\_ec4J:https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos\\_uma/article/download/92/77+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LexhX4B_ec4J:https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uma/article/download/92/77+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 06 jul.2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale,2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf> Acesso em: 22 abr.2020.

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **# Contato História.** 3º ano-1. Ed-Quinteto Editorial, São Paulo, 2016.

GINITY, Eliane Goulart Mac. Imagens de mulheres nos livros didáticos de História. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez.2015. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:m4uEy\\_iBZcoJ:www.seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/viewFile/63309/36954+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:m4uEy_iBZcoJ:www.seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/viewFile/63309/36954+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 04 jul.2020.

GOMES, Silvânia Maria de Oliveira. **Iconografia**: imagens, interpretações e novas abordagens no ensino de História. 94 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) programa de pós-graduação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6921/A%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Silv%c3%a2nia%20Gomes%20VERS%c3%83O%20FINAL%20%2013%20de%20Mar%c3%a7o%20com%20j%c3%bari.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 jul.2020.

JAMBEIRO, Othon *et al.*,. **O rádio e o controle da informação**. Othon Jambeiro ... [et al.]; preparação de originais e revisão: Tania de Aragão Bezerra, Magel Castilho de Carvalho. - Salvador: EDUFBA, 2004. 191 p. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RShi5i44EHUJ:books.scielo.org/id/3yd/pdf/jambeiro-9788523212414-00.pdf+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 14 ago.2020.

LEÃO, Gabriel Bertozzi de Oliveira e Sousa; RODRIGUES, Poliana Jardim. Ensino de História: a imagem como fonte documental. **XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN-22 a 26 de julho de 2013. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:co8Rs9OLTFcJ:www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364760748\\_ARQUIVO\\_EnsinodeHistoriaaimagemcomofontedocumental.pdf+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:co8Rs9OLTFcJ:www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364760748_ARQUIVO_EnsinodeHistoriaaimagemcomofontedocumental.pdf+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 12 ago.2020.

LITZ, Valesca Giordano. O uso da imagem no ensino de História. **Caderno Temático**- Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf> Acesso em: 12 jun.2020.

LIMA, Carla Fernanda de. De olho na Era Vargas: a narrativa visual sobre o estado novo no ensino de história. **ANPUH-Brasil-30°** Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565319259\\_ARQUIVO\\_TRABALHOCOMPLETO\\_ANPUH\\_2019\\_CARLAFERNANDA.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565319259_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO_ANPUH_2019_CARLAFERNANDA.pdf). Acesso em: 18 ago.2020.

MOLINA, Ana Heloísa. Fenômeno Getulista: Estado, discursos e propagandas. **Hist. Ensino**, Londrina, v.3, p.95-112, abr, 1997. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:AIJt3SyNQKIJ:www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12697/11058+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 ago.2020.

SOUZA, Rogério Luiz. A arte de disciplinar os sentidos o uso de retratos e imagens em tempos de nacionalização (1930-1945). **Revista Brasileira de Educação** v. 19 n. 57 abr.-jun. 2014. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1fX\\_lteROfoJ:https://www.scielo.br/scielo.php%3Fpid%3DS1413-24782014000200007%26script%3Dsci\\_abstract%26tIng%3Dpt+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1fX_lteROfoJ:https://www.scielo.br/scielo.php%3Fpid%3DS1413-24782014000200007%26script%3Dsci_abstract%26tIng%3Dpt+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 25 ago.2020.

SILVA, Edlene Oliveira. Relações entre imagens e textos no ensino de História. **SAECULUM**, Revista de História [22]; João Pessoa, Jan./Jun.2010. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RL7p1YA9cJ:https://peri>

odicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/download/11497/6609/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em:07 Jul. 2020.

SAMPAIO, Jaqueline Santos. **Entre significados e representações:** Reflexões sobre a presença de imagens artísticas em livros didáticos de História. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Pedagogia da Arte)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71657/000879485.pdf?sequence=1>. Acesso em:06 jun.2020.

## APÊNDICES

APÊNDICE A-Questionário aplicado para os alunos do 3º ano do ensino médio

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- CAMPUS VII CODÓ  
CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA  
ORIENTADOR: DR. ANTONIO ALEXANDRE ISIDIO CARDOSO

DICENTE: JOSÉ FRANCISCO VIANA DO CARMO

**PESQUISA DE MONOGRAFIA: ICONOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**  
Uma análise de imagens da Era Vargas em Livros Didáticos do ensino médio  
utilizados na escola centro de ensino Colares Moreira em Codó/Ma

### QUESTIONÁRIO

- 1- Considerando as imagens (fotos, figuras, gravuras, pinturas) presentes em seu livro didático de História, estas ajudam você a compreender melhor os conteúdos? De que forma?

---

---

---

- 2- Com relação as aulas de História, seu professor (a) explica os conteúdos fazendo uso das imagens? como é feita esta discussão?

---

---

---

- 3- Em sua opinião, é importante trabalhar as imagens em sala de aula? Por que?



---

---

---

- 4- Observando as imagens de seu livro didático de História, a partir delas você saberia identificar algum período da história, sem necessariamente ler algum conteúdo relativo a elas? Justifique.

---

---

---